

# Uma casa de gerações

Projeto de uma casa de férias em Vila Nova de Cerveira

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura  
apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto e orientada por:  
Prof. Doutor Carlos Prata

Margarida Norton Sousa Rosa  
2018

Nota à edição:

O corpo de texto da presente dissertação encontra-se escrito em português, obedecendo, ao novo acordo Ortográfico.







## Agradecimentos

*Aos meus pais, um especial  
agradecimento por todo o apoio  
desde sempre dado.*

*Aos meus irmaos, Ricardo que  
apesar de longe esta sempre  
presente e ao Diogo por me ter  
acompanhado e ajudado sempre  
que precisei e partilhado comigo o  
mesmo curso.*

*Ao Hugo, por toda a ajuda e  
companheirismo*

*Ao Professor Carlos Prata por toda  
a disponibilidade e ensinamento  
que me deu.*

*À Salome por toda a ajuda e  
amizade, à Catarina à Mariana e ao  
Tomás pela grande amizade criada  
ao longo destes anos.*

*Ao Luis Diogo e ao Miguel por me  
ajudarem sempre que precisei ao  
longo do curso.*

*À Rita, à Ines e a todas as minhas  
grandes amigas e amigos que  
tiveram sempre presentes.*



# Resumo

A presente dissertação debruça-se sobre um projeto de arquitetura através do qual se pretende uma aproximação à realidade urbana, tendo como objetivo a possibilidade de uma primeira experiência em contexto real, que se quer como transição entre percurso académico e arquitectura em contexto real.

O projeto apresentado nesta dissertação situa-se em Vila Nova de Cerveira, Portugal, e tem como propósito a construção de uma casa de férias, de uma família de três pessoas, tendo sempre em conta as próximas gerações, uma vez que ele, o projeto, é pensado como um desígnio que vai ao encontro tanto da geração presente, como ao encontro das gerações futuras.

Deste modo, e tenho como intenção apresentar, ao longo da dissertação, o processo que se desenvolveu em torno deste projeto, desde a troca de ideias entre a autora e o requerente composto por um casal, o confronto das motivações e impulsos pessoais com as condicionantes que se foram colocando, desde a topografia, passando pelas condicionantes do âmbito legislativo e normativo, até à constante evolução e desenvolvimento do trabalho realizado nas diferentes fases.

Conclui-se, deste modo, uma jornada, que corresponde ao culminar do percurso académico, que se materializa na presente dissertação, e que tem como objetivo formar e preparar para a prática da arquitetura em contexto real.

Palavras-chave: Vila Nova de Cerveira; Arquitetura; Projeto; Habitação Unifamiliar; Paisagem.



# Abstract

The purpose of this dissertation is to present an architectural and academic project aiming to approach reality. This project is a transition from an academic research to a project that could see the light of day.

The project is taking place in Vila Nova de Cerveira, Portugal. The features of the house that had to be taken into account are the fact that it is a holiday house of a family of three who always had thought of the next generations. Therefore one of the most important aspects was to balance and take into account the present and future generations in order to meet all requirements.

Throughout the dissertation, we will understand the different steps and methods that have been used in order to fit all the features and requirements. To the exchange of ideas between the client and myself, confronting personal motives and impulses to the conditions that have been put and taking into account the topography, through the constraints of legislative and normative scope. All this without putting on the side the constant evolution and development of the work carried out in the different phases.

All in all, this dissertation illustrates the culmination of an academic work project leading to the preparation of a real life concept. The main purpose being to get prepared to practice architecture in a real life environment.

Keywords: Vila Nova de Cerveira; Architecture; Project; Single family habitation; Landscape.



# Índice

<b>Introdução</b>	013
Objeto	
Objetivo	
Método	
<b>01. Enquadramento e Contexto</b>	017
Enquadramento Geográfico	
Contextualização histórica	
O lugar - Relação com a paisagem - O Minho	
Condicionantes Legais	
Requerente	
Programa	
<b>02. O percurso entre a casa e a Vila - O rio como elemento marcante</b>	051
<b>03. Projeto e o seu processo</b>	073
Um primeiro pensamento, uma primeira ideia	
A necessidade da procura de referencias	
<b>04. Projeto</b>	059
Descrição	
Desenhos Finais	
Considerações finais	113
Bibliografia	114
Índice de Imagens	116





# Introducao

## Objecto

A presente dissertação e o tema que a suporta surge de uma conversa com uma amiga da mesma geração, onde se partilhou o propósito de integrar na dissertação, como culminar de um percurso académico, um projecto, em contexto real, que permitisse a aproximação à prática real da arquitectura.

Após esta conversa, partiu a proposta de desenvolver um projeto de uma casa para um terreno adquirido pelos pais, em Vila Nova de Cerveira. Percebeu-se que existia a pretensão de construir uma casa de férias que, mais tarde, pudesse eventualmente servir de residência permanente, valorizando o contacto com a natureza e a calma que esse lugar permite.

## Objectivo

Os objectivos da presente dissertação incidem, essencialmente, em três questões:

Em primeiro lugar, o requerente. Havendo uma forte relação pessoal e de especial carinho, sentia-se que seria possível realizar um projeto que fosse de encontro às suas pretensões, e, ao mesmo tempo, afirmar o nosso ponto de vista e a interpretação do projecto em questão. Simultaneamente, seria possível desenvolver mais o processo de projecto do que propriamente o resultado final.

Em segundo lugar, por se tratar de um terreno desafiante, pela sua dimensão, pelas suas características topográficas e a relação com a paisagem, por estar inserido numa zona urbana influenciada pela montanha e o rio muito presentes na sua envolvente, sendo ainda um local emocionalmente próximo onde foram passadas algumas férias de verão com a família.

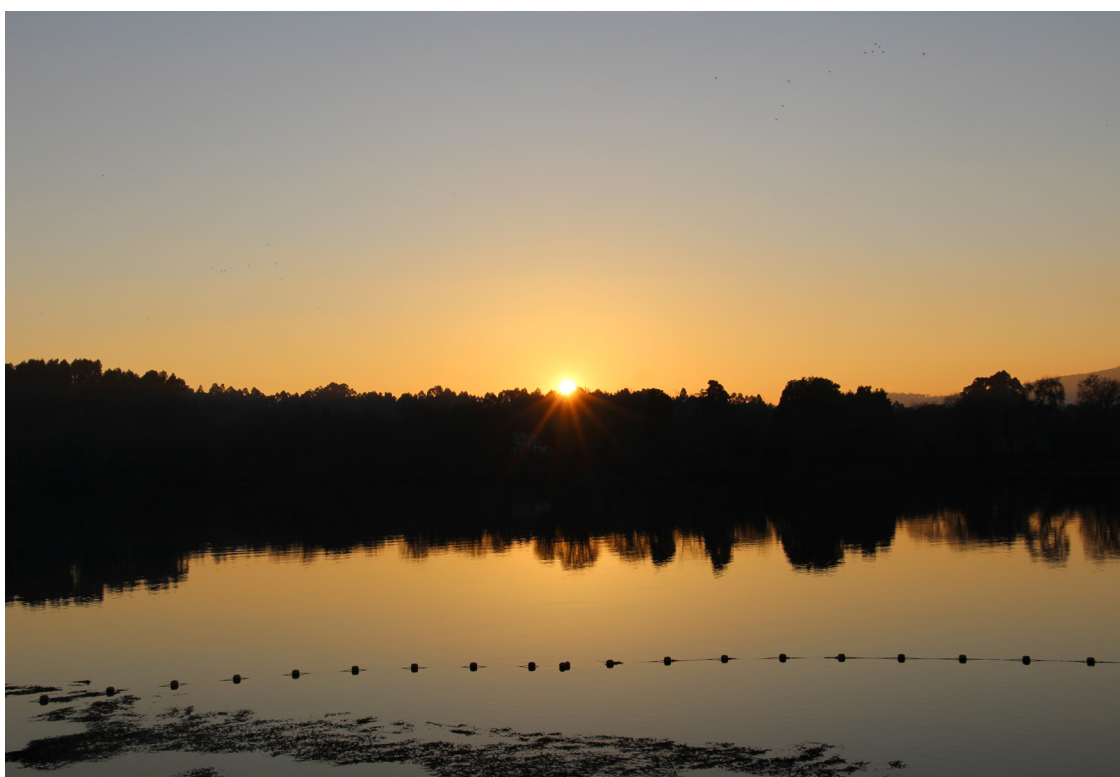


FIG.1  
Vila Nova de Cerveira - Final de tarde junto do rio

Em terceiro lugar, por se tratar de um projecto em contexto real e, deste modo, ser possível um contacto com a prática viva e actual, poder trabalhar com as condicionantes existentes e a legislação e normativos em vigor, discutir e confrontar ideias com um requerente real, com opiniões distintas.

*“O projecto de uma casa unifamiliar, estudado num escritório de uma certa dimensão, exige um esforço notável, visto que devem ser analisados em profundidade os hábitos, as necessidades e as aspirações da família que ali irá habitar”*

Álvaro Siza - Imaginar a  
Evidência p.39

## Metodologia

A metodologia adoptada assenta, num primeiro momento, no reconhecimento do território. Em simultâneo, parte-se para a abordagem do requerente e as suas aspirações, assim como a abordagem às questões de legislação e normativa aplicáveis. Corresponde, sobretudo, à recolha de informação, documentação e opiniões dos intervenientes no processo de projecto.

Numa segunda fase, inicia-se a análise e organização dos elementos recolhidos: desenhos, fotografias, plantas, e, logicamente, o programa definido em conjunto com o requerente.

Numa terceira fase, prossegue-se para o desenvolvimento do projecto, com todos os avanços e recuos que este implica, culminando na formalização e apresentação do mesmo.

De salientar que estas três fases não decorrem de forma isolada e linear, sendo necessário, durante o processo, recuar e avançar, de acordo com as questões que vão surgindo ao longo do processo de projecto.



## **0.1 Enquadramento e Contexto**



FIG.2  
Vila Nova de Cerveira - Vista da Ponte do lado de Espanha

## Enquadramento geográfico

O concelho de Vila Nova de Cerveira está localizado no Norte de Portugal, na designada Província do Minho e no Distrito de Viana do Castelo, tendo a nordeste o concelho de Valença, a leste Paredes de Coura, a sudeste Ponte de Lima, a Sudoeste Caminha e a noroeste a Galiza, situando-se na margem esquerda do rio Minho, e possuindo uma área de 108,6 km<sup>2</sup>.

É também constituído por duas importantes unidades morfológicas, sendo elas os Vales dos rios Coura e Minho. É no vale do Minho que se concentra grande parte da população e da atividade existente no concelho. Em Vila Nova de Cerveira está também situada uma área de grande valor ambiental, que está integrada na rede europeia de conservação da natureza, Rede Natura 2000, sendo que 70% da área do concelho está coberta por áreas florestais. É, deste modo, um concelho muito rico em área florestal, sendo que a sua preservação e desenvolvimento fazem parte da estratégia do município, isto é, para além da responsabilidade de preservação da mancha florestal do concelho, o município é também responsável por promover o seu desenvolvimento, transformando estes valores naturais em recursos, com o grande objetivo de desenvolver uma estratégia e um plano para o futuro de aproveitamento sustentável. Vila Nova de Cerveira está subdividida em 15 freguesias, assim distribuídas geograficamente: Campos 5,01km<sup>2</sup>, Candemil 8,64km<sup>2</sup>, Cornes 6,77km<sup>2</sup>, Covas 29,16km<sup>2</sup>, Gondar 3,68km<sup>2</sup>, Gondarém 7,13km<sup>2</sup>, Loivo 5,26km<sup>2</sup>, Lovelhe 3,38km<sup>2</sup>, Mentrestido 4,87km<sup>2</sup>, Nogueira 2,44km<sup>2</sup>, Reboreda 6,21km<sup>2</sup>, Sapardos 6,44km<sup>2</sup>, Sopo 13,91km<sup>2</sup>, Vila Meã 2,24km<sup>2</sup> e Vila Nova de Cerveira 3,32km<sup>2</sup>.

Em matéria de acessos a Vila Nova de Cerveira, está bem servida por um conjunto de vias que tornam rápido e fácil o acesso às principais cidades, quer da Galiza, quer da região Norte e até mesmo aos aeroportos, do Porto (Aeroporto Sá Carneiro) e de Vigo. Destaca-se a autoestrada A3, que liga o Porto a Valença, passando próxima das cidades como Braga e Guimarães. A sul do concelho temos a autoestrada A28 que une a cidade do Porto a Viana do Castelo. Importante também referir a ponte que liga Vila Nova de Cerveira a Espanha, mais precisamente à localidade de Goyan, a Ponte Internacional (Ponte d'Amizade).





FIG.3  
Vista da ponte pela ecopista



A nível ferroviário, está também bem servida, graças à Linha do Minho, que assegura a ligação Ermesinde/Valença, passando pelos concelhos de Barcelos, Viana do Castelo, Caminha e Vila Nova de Cerveira.

Segue-se também que se encontra a concurso o projeto de uma ponte pedonal que ligará Vila Nova de Cerveira a Tomiño, na Galiza, com o objetivo de unificar estas duas localidades, havendo assim ainda uma maior atração e facilidade de relação entre os dois lugares.

Do ponto de vista das características atmosféricas, estamos perante um clima temperado, influenciado por se localizar numa zona costeira, daí havendo elevadas quedas pluviométricas e temperaturas moderadas. No inverno, a temperatura varia entre os 7,5°C na zona interior e os 10°C na zona ribeirinha, enquanto no verão a média é de 20°C em todo o concelho.

No que diz respeito à humidade relativa do ar, devido à proximidade do oceano, existe um elevado grau de humidade, com valores superiores a 80%, sendo que, nos meses de verão, estes variam entre os 74 e 81%. A insolação e radiação global, com valores de radiação recebida, oscilam entre os 2.400 e os 2.200 cal/cm<sup>2</sup>. A nebulosidade é classificada de média neste concelho, graças aos meses de Dezembro e Janeiro.

Encontrando-se inserida numa das zonas mais húmidas do país, é natural que a queda pluviométrica anual seja grande (entre 1500 a 2000 milímetros) e mal distribuída. Na faixa ribeirinha, os valores andam entre os 1500 e 1600 mm, na zona interior sul já chega aos 1800 mm. Nesta região, temos normalmente Verões secos, Outonos com alguma frequência de chuva, e Invernos e Primaveras chuvosas, ressalvadas as alterações climáticas que hoje assolam o País e o mundo.

Sem prejuízo, relativamente à presença de geada, Vila Nova de Cerveira é afectada, em média, 10 dias por ano (segundo a Direção Regional de Agricultura Entre Douro e Minho). Já na zona de montanha, a geada está presente durante cerca de 3 meses por ano, normalmente entre Dezembro e Fevereiro. O vento é um factor muito presente nesta região do país, apesar do Instituto de Meteorologia considerar remota a possibilidade de ventos superiores a 50 km/h.

Podemos, então, concluir que Vila Nova de Cerveira disfruta de um clima temperado, com Invernos e Verões moderados.



FIG.4  
Capela da Nossa Senhora da Ajuda ( Instalação - Assalto ao Castelo / 40 anos da Bienal de Cerveira )



FIG.6  
Vista do interior do Castelo



FIG.5  
Vista do Castelo para o campo da feira - realizada aos sábados



FIG.7  
Igreja da Misericórdia

## Contextualização Histórica

Vila Nova de Cerveira é um concelho que surge desde os anos da Idade Média, apesar de ser certo que a ocupação das margens do rio Minho surgem na altura da Pré-História. Ao longo dos tempos, foi-se intensificando a presença do homem, notando-se um grande aumento demográfico ao longo da Idade do Ferro e Romanização.

Foi na altura das reconquistas, após as invasões árabes, que ganha o nome de Terras de Cerveira, e o Rio Minho passa desde aí a assumir papel de fronteira. É nessa altura que nasce o castelo de Cerveira, com o intuito de patrulhar e criar defesas contra possíveis investidas árabes. É depois da assinatura do Tratado de Alcanices que terminam os confrontos, e “Vila Nova” de Cerveira ganha estabilidade geográfica e política, assistindo-se a um esforço de repovoamento da região. Até ao início do séc. XIX, devido a investidas espanholas e francesas, foram ainda construídas duas fortificações, a Atalaia do Alto do Lourido e o Forte de Lovelhe e foi ainda reforçado o Castelo Medieval. Após o início do séc. XIX, a fronteira fica estabilizada e a paz regressa a estas terras, passando os castelos e as fortalezas a ser património histórico.

Atualmente, e graças à riqueza da sua história, Vila Nova de Cerveira tem um roteiro para visitar muito vasto. O local onde se pretende edificar a obra está rodeado de história, à distancia de uma caminhada que nos leva a uma autêntica viagem no tempo.

Em relação ao património edificado existente, destacam-se o Castelo de Vila Nova de Cerveira, que surgiu por volta de 1320, por vontade do monarca D. Dinis, com a finalidade de defender a recém criada povoação de Vila Nova de Cerveira; Igreja da Misericórdia, que data dos inícios do séc. XVII; Igreja Matriz, que foi reconstruída no século passado, após o derrube de quase toda ela por um vendaval, em 2 de Janeiro de 1877; Solar dos Castros: A sua classificação como imóvel de interesse público, em 1970, deveu-se ao facto de ser uma bela construção do século XVII, que foi incendiado e saqueado durante as Guerras da Restauração. Reconstruído no século XVIII adquiriu a traça arquitetónica que ainda hoje mantém; Pelourinho, localizado dentro do castelo e datado do ano de 1547; Memória: Para homenagear os heroicos defensores do Minho, durante a “Guerra Peninsular”, foi inaugurado, em Vila Nova de Cerveira, um monumento a 5 de Setembro





FIG.8  
Solar dos Castros



FIG.9  
Capela de S. Sebastião



FIG.11  
Igreja Matriz



FIG.10  
Fonte da Vila ( relação visual com a casa Verde )

de 1909. Este assenta em cinco balas de ferro bronzeado e numa pirâmide que remata por uma estrela hexagonal, de cobre dourado; Forte da Atalaia, a mais pequena das fortificações que constituíram o conjunto defensivo de Vila Nova de Cerveira, desde os tempos mais remotos, garantindo igualmente a sua participação na defesa do Minho; Forte de Lovelhe: É produto da engenharia militar da época, foi construído entre 1660 e 1662 sob a direção do Mestre de Campo, General D. Francisco de Azevedo; Fonte da Vila: A sua cronologia aponta para meados do séc. XVII e foi onde durante muitos anos a população se abasteceu de água; Capela de Nossa Senhora da Ajuda, situada sobre a Porta da Vila e barbacã, foi construída, por volta de 1650. Trata-se de um pequeno templo, a condizer com a arquitetura da época; Capela da Nossa Senhora da Encarnação: Já um documento das Memórias Paroquiais de 1758 fazia referência a esta capela. Diz a tradição que no local onde hoje se ergue um cruzeiro em granito, a sul da capela, apareceu Nossa Senhora da Encarnação; Capela de S. Sebastião, construída durante as guerras da Restauração entre os finais do séc. XVII e inícios do séc. XVIII; Miradouro do Cervo, da autoria do escultor José Rodrigues, localiza-se no cimo de uma colina, denominada de Alto do Crasto e, devido à sua localização, é um miradouro por excelência; Convento de S. Paio, a 6km a nascente de Vila Nova de Cerveira, construído em 1932; Estação de Via Sacra com 7 nichos da Paixão de Cristo: Trata-se de um conjunto de sete oratórios, com os Passos da Via Sacra, em estilo barroco, construídos no século XVIII.



FIG.12  
Edifício da Câmara





FIG.13  
Estação de Comboios



FIG.14

Vista do terreno, do lado de Espanha



## O lugar - relação com a paisagem - O Minho

O Minho corresponde à região mais a norte de Portugal. É delimitado pelo vale que lhe dá nome, sendo circunscrito também pelos vales do Cávado, do Lima e parte dos do Tâmega e Ave. Antigamente fazia parte da região de Entre-Douro-e-Minho, que ia desde a margem norte do rio Douro à margem sul do rio Minho. Nos tempos atuais, é dividido pelo Alto e Baixo Minho.

Como é do conhecimento geral, a região norte tem uma condição climática única, sendo uma das zonas mais pluviosas do País. Este factor, como é evidente, reflete-se na paisagem, o que resulta na criação de um grande número de pequenos riachos e rios que marcam o território e que alimentam a vasta vegetação que aí se desenvolve.

Ao mesmo tempo, as povoações instalaram-se nas zonas do vale e desenvolveram as suas atividades de sustento, como criação de gado ou agricultura, fixando-se nas áreas de altitude mais baixas.

O solo nestas regiões é granítico e xistoso, sendo que o granito se adequa mais à prática de cultivo. O modo como se forma e desenvolve a paisagem é muito característica, pois os terrenos têm uma ligação especial com o clima, o lugar, a terra e o solo. Existem estradas e caminhos que vêm de geração em geração há muitos anos e que fazem desta uma zona tão emblemática e com um peso histórico tão grande. Tipicamente, os locais escolhem terrenos em cota baixa, perto aos cursos de água o que ajuda ao desenvolvimento agrícola. Esta zona de Portugal é bastante apelativa para viver ou para passar temporadas de férias. O rio Minho é predominante na vida deste lugar, sendo o elemento chave no seu encanto onde, de um lado, se vê Espanha, e do outro, montanhas.

O terreno alvo do presente projeto situa-se a poucos minutos do centro de Cerveira. Na sua envolvente existem onze lotes idênticos, paralelos, alguns já com edificado. O terreno tem 21 x 122 metros com frente para o rio, de cerca de 21 metros. Apenas é possível construir na parte superior do terreno, face à sua relação tão próxima com o rio Minho, estando assim condicionadas as distâncias de construção relativas ao leito do rio. Efetivamente, é considerada área do domínio público hídrico aquela que se situa 50m acima do leito de cheia. O terreno possui uma área total de 2562m<sup>2</sup>, e a área de implantação permitida é de 400m<sup>2</sup>, sendo



FIG.15  
Ortofotomapa - Relação de Vila Nova de Cerveira com o rio e o mar



FIG.16  
Ortofotomapa - Visão geral sobre Vila Nova de Cerveira  
( Terreno assinalado a vermelho )

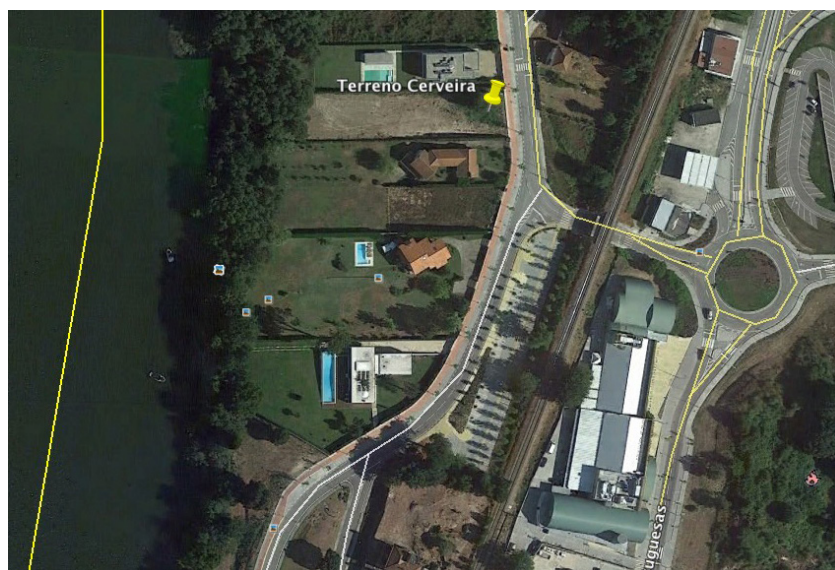


FIG.17  
Ortofotomapa - Vista aproximada do terreno

que 50m<sup>2</sup> são destinados a área de estacionamento, enquanto o seu índice de ocupação é de 0,15. É permitida a construção de edifícios de habitação unifamiliar, de tipologia T5, com 1 só piso.

O terreno em questão torna-se bastante desafiante na medida em que a sua configuração retangular, rígida, contrasta com a envolvente natural, mais orgânica e fluída, uma vez que o terreno está enquadrado num ambiente natural, com árvores, montanhas, vegetação e o rio, que confere ao lugar uma grande beleza e naturalidade.

Quando pensamos neste terreno, há que pensar no todo. Um só espaço que foi subdividido em vários pedaços. Com isto, é importante refletir sobre o impacto que a casa terá na envolvente. No futuro, quando os vários lotes estiverem construídos, este espaço que outrora foi completamente natural, sem edificação, passará a possuir um diferente impacto na paisagem, tanto do limite de Espanha, como do limite de Portugal. Logicamente, existe um regulamento onde existem regras a cumprir para que este impacto seja menor, o que faz com que a projeção da casa deva ser pensada desde o mais pequeno pormenor até ao todo, e vice-versa.

*“Creio que não existe arquitectura sem natureza. Alguém, não recorde quem, disse numa ocasião numa entrevista que o mundo está constituído por dois universos particulares: a natureza, obra de Deus, e a arquitectura, obra do homem. Creio que tinha razão, pois as ruas, os edifícios, a cidade e muitos dos seus espaços verdes são arquitectura pensada e criada pelo homem. Podemos afirmar, pois que só existem dois autores: Deus e o arquiteto”.*

Eduardo Souto de Moura –  
Conversas com estudantes p.74

Como afirma Eduardo Souto de Moura, não existe arquitetura sem natureza. Ao pensar no volume que estamos a propor para este lugar, é essencial que se tenha em conta o facto de o meio natural ser um bem de extrema importância, que importa preservar.

*“Devem-se ter necessariamente em consideração as circunstâncias reais para poder pensar não só segundo as regras de uma “gramática universal e abstracta”, mas também ser capazes de nos envolver no contexto e fazer com que o projecto nasça a partir daquelas circunstâncias precisas. A criatividade de um arquiteto consiste justamente em compreender e resolver tais contradições”.*

Eduardo Souto de Moura –  
Conversas com estudantes p.59





FIG.18

Vista Sul do terreno



FIG.19

Vista do terreno para a montanha ( relação visual com as casas vizinhas )



FIG.20

Vista Norte do terreno





FIG.21

Vista da confrontação do terreno com o Rio Minho



FIG.22

Vista para o Rio, do terreno Vizinho (lado sul da área de estudo)



FIG.23

Vista da confrontação do terreno com o Rio Minho - Final da tarde de Outono





FIG.24

Vista da Rua -Av. do Tomiño (terreno do lado esquerdo)



FIG.25

Vista da Rua -Av. do Tomiño (terreno em frente)



FIG.26

Vista da Rua -Av. do Tomiño (terreno à direita)



FIG.27  
Relação com o lote vizinho Norte (momento de ligação)



FIG.28  
Relação com o lote vizinho Sul (momento de ligação)





FIG.29  
Vista do Miradouro do Cervo





FIG.30  
Casa a Norte do Terreno



FIG.31  
Casa a Sul do Terreno



FIG.32  
Casas/lotes vizinhas



FIG.33  
Casas/lotes vizinhas



FIG.34  
Casas/lotes vizinhas



FIG.35  
Planta do loteamento

## Condicionantes legais

O Plano Diretor Municipal do concelho de Vila Nova de Cerveira encontra-se publicado no Diário da República, 2ª série – Nº 126, de 2 de julho de 2012. No que respeita ao presente projeto de construção, as condicionantes a ter em conta estão reguladas nos artigos 19º e 20º, e 50º a 59º, e dentro destes, aqueles que visam os Espaços Urbanos de Baixa Densidade.

O terreno a que se reporta o projeto pertence a um loteamento situado no lugar de Mesieiro, relativamente ao qual a Divisão do Urbanismo da Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira considerou relevante uniformizar as normas a que se deveriam submeter os pedidos de licença de construção de cada lote.

Mostra-se, assim, oportuno verter neste capítulo o conteúdo do regulamento estabelecido para este loteamento e que prescreve o seguinte:

O regulamento que se irá aplicar a todos os pedidos de licença de construção para cada lote constante do presente estudo de loteamento é válido dentro do limite da propriedade em questão e reger-se-á pelas seguintes condicionantes urbanísticas:

1. As edificações a construir não poderão ter mais do que dois pisos, sendo na cave destinado a estacionamento privado e a Serviços. Salvaguarda-se os casos em que o terreno, pelo seu carácter essencialmente plano, não seja propício à existência de um piso na cave, nestes casos a garagem e serviços situar-se-ão ao nível térreo.
2. As fachadas deverão ter o mesmo tipo de acabamento, devendo permanecer os materiais naturais próprios da região, de acordo com os projectos de arquitectura aprovados. Contudo, define-se desde já que 40% das áreas dos alçados serão em xisto ou em granito, podendo ser o resto das superfícies rebocadas e pintadas a branco ou em madeira na sua cor natural, sempre que esta siga critérios de qualidade, entendendo como qualidade caracteres de: estabilidade dimensional, durabilidade e robustez desse mesmo material ( madeira maciça nunca inferior a 7 cm de espessura).

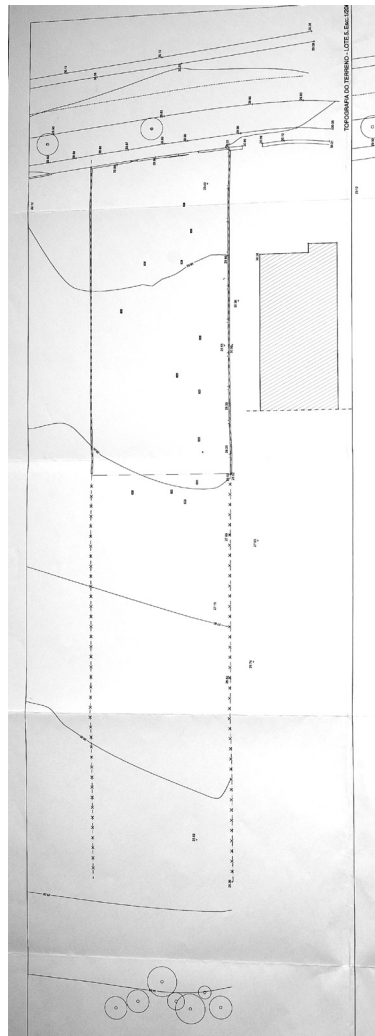


FIG.36  
Planta Topográfica

3. Não poderá haver muros de divisão dos lotes para além das zonas construídas afectadas à habitação, devendo a separação ser feita por sebes se o signatário do lote assim o entender.
4. Só será possível construir neste terreno, moradias unifamiliares, cuja tipologia seja T3 a T6, que serão definidas nos projectos da especialidade de arquitectura.
5. O índice de ocupação prevista é de 0.14, contudo este valor poderá oscilar para mais ou menos 0.02.
6. A construção das edificações terão de obedecer aos requisitos expressos nos regulamentos, bem como na legislação em vigor, nomeadamente REGEU, RSA e o RGCAE.
7. Deverão ser mantidas as espécies arbóreas já planeadas na zona pública envolvente do terreno, e a arborização das zonas verdes privadas deverão obedecer ao projecto da especialidade a ser apresentado simultaneamente com o projecto de arquitectura, afim de haver uma integração paisagística do volume construído.
8. Só será permitida construção na zona verde, abaixo ou ao nível do terreno, tais como Piscina, Campo de Ténis, etc.
9. Na zona livre afectada à habitação poderão ser permitidas construções pontuais de apoio ao fogo mas sempre de um só piso e integradas na arquitectura do fogo.

De salientar que as condicionantes legais referidas foram determinantes numa fase inicial do projecto, pois permitiram perceber, à partida, que tipo de intervenção poderia ser realizada, auxiliando na definição da estratégia inicial, que acabaria por conduzir todo o projecto até ao ser término.



## Requerente

A casa em Vila Nova de Cerveira destina-se a uma família com três membros, mãe, pai e uma filha com 25 anos, que olham para esta casa como um espaço familiar de descanso, convívio e contemplação.

O terreno foi adquirido no ano de 2000, altura em que foi contratado um arquiteto amigo, a quem recorreram para elaborar um projeto. No entanto, por diversos motivos, o projeto acabou por não avançar, ficando o terreno nas mesmas condições, sem qualquer tipo de construção. Uns anos mais tarde, recorreram à Rusticasa, uma empresa de construções em madeira, mas, no entanto, o projeto acabaria por não ter seguimento, por dois motivos: Por um lado, o desinteresse demonstrado pelos clientes após apresentação de algumas ideias por parte da empresa, e pelo facto de ter surgido a oportunidade da compra de uma casa no Algarve, que acabou por se concretizar, passando o terreno de Vila Nova de Cerveira, a curto prazo, para segundo plano.

Quando optaram por adquirir o terreno em questão, os requerentes tiveram em consideração um local que não fosse demasiado longe da cidade onde habitam, e que permitisse viagens frequentes, sem grande incómodo ou despesa.

Por um lado, queriam uma casa na qual pudessem passar fins-de-semana, e Vila Nova de Cerveira ficava a uma distância confortável e com acessos fáceis e rápidos a partir do Porto. Por outro lado, queriam um local calmo, “campestre”, mas simultaneamente perto de uma zona urbana, que permitisse ter restaurantes próximos, supermercados, alguma escolha cultural e amigos. E Vila Nova de Cerveira cumpria todas estas funções: É tranquila mas cheia de vida. É plana e permite andar a pé ou usar bicicleta chegando ao centro da vila facilmente. Possui uma feira, que é também uma mais valia, situa-se no Minho e tem a Galiza ali ao lado, duas zonas muito ricas quer do ponto de vista histórico, quer do ponto de vista gastronómico. Tem também o rio e o mar muito próximo. Na altura em que compraram o terreno, existia um projeto para a construção de um campo de golfe em Espanha, do outro lado da ponte, o que contribuiu também muito para a escolha do local, apesar deste projeto não se ter concretizado até hoje. Além de tudo isto, têm vários amigos com casas em localidades próximas.





FIG.37 - Fotografia do Rio Minho, num final de tarde de Outono.



Um dos membros do casal requerente possui uma relação afetiva pelo Minho, não propriamente por Vila Nova de Cerveira, mas com o Minho em geral. A cliente partilhou sobre a importância que esta Zona tinha para ela, pois toda a sua família é minhota e todos os verões da sua infância, adolescência e do início da sua vida adulta foram passados em zonas ribeirinhas minhotas: praias, barragens e rios.

Em suma, o facto do terreno se encontrar próximo do rio foi um factor decisivo. Como um dos requerentes afirma, “férias sem água não são férias“, poder tomar banho no rio sem sair de casa, andar de barco à vela sem ter que procurar um cais para pôr o barco, ou fazer wind-surf sem ter que arrumar a prancha em cima de um carro, são factores que interferiram muito na escolha do local e que fazem dele um terreno especial com muito potencial.

Todas estas facilidades que a proximidade com o rio e a relação que o casal requerente tem com o mesmo faz deste um elemento muito importante em torno deste projeto.

A relação de proximidade com o requerente, que permitiu a partilha constante de preocupações, modos de abordar o projecto e gostos pessoais, demonstrou-se do maior interesse e importância no decorrer do processo de projeto, pois permitiu experimentar uma verdadeira relação entre “arquiteto” e requerente.

*“Ao longo do tempo, noto todavia que uma relação privilegiada entre o cliente e o Arquitecto já não é muito comum, vai-se perdendo; o próprio significado da família, na nossa sociedade, está provavelmente a atravessar uma profunda evolução. Quando esta relação, intensa e contínua, se verifica, resulta logo muito intensamente e estimula-nos a pensar na necessidade...”*

Álvaro Siza - Imaginar a  
Evidência p.43



# Programa

Numa primeira conversa com os requerentes, estes partilharam a possibilidade da casa de Cerveira ser encarada como uma segunda casa, uma casa onde pudessem passar grande parte dos seus fins de semana, férias e, onde mais tarde, depois da reforma, poderiam passar a maior parte do seu tempo.

“A casa

A casa é o abrigo.

A coisa principal da casa é o telhado e depois a chaminé.

Dentro somos independentes ou quase. Estamos protegidos da cidade e do mundo inteiro. ... A casa tem janelas: é preciso respirar, mesmo quando o ar está poluído. ... A casa é o eu de cada um. Contudo no espaço e no tempo as casas são praticamente iguais, na horizontal como na vertical. Quando têm demasiadas escadas inventam o ascensor, mas mantêm-se iguais ou quase, porque nós os que ocupamos somos quase iguais...”

01 Textos -Álvaro Siza p. 349,350

A vontade dos requerentes, quanto à realização desta casa, consistia em ter dois quartos com suite, um para eles e outro para a filha, de preferência com luz natural nas instalações sanitárias. Referiram também a importância das áreas sociais da casa, da sala de estar, da cozinha e de uma sala de jogos. Em relação à zona exterior demonstraram grande vontade em ter uma zona coberta perto da cozinha, onde houvesse também lugar para um churrasco. Nesta zona coberta, além da relação próxima com a cozinha manifestaram o desejo de existir uma relação visual com o rio e com a envolvente da casa. Ainda em relação à cozinha, expressaram a vontade de tornar amigável e intenso o seu uso, como um ponto fulcral da casa onde a relação com a zona de estar é muito importante e valorizada de forma a assegurar a convivência entre quem está a cozinhar e quem está na sala de estar.

Apesar de apenas referirem a existência de dois quartos e de só terem uma filha, expuseram o valor que davam a uma boa zona de refeições para receber os amigos e família. Propunham uma mesa com capacidade para 6 a 8 pessoas, pois em Vila Nova de Cerveira o clima não é favorável ao uso do exterior durante grande parte do ano. No entanto, referiram também a importância da possibilidade de existir uma mesa na área da cozinha para os pequenos

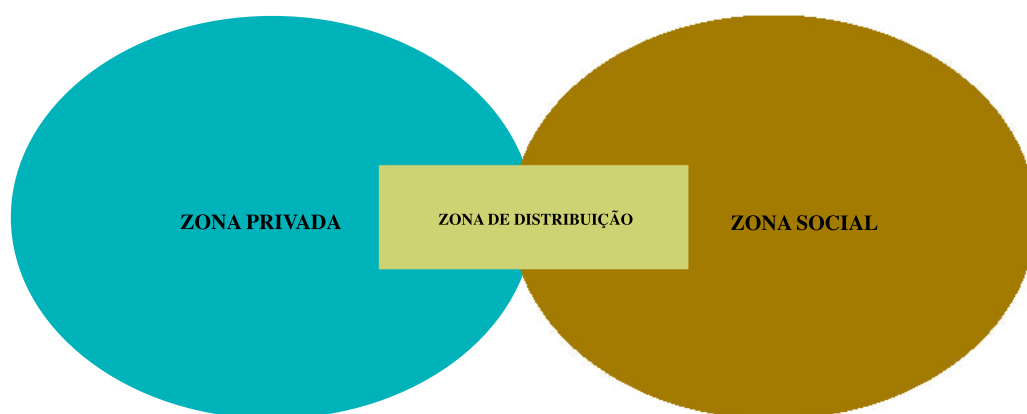


FIG.38 - Organograma - Organização do espaço da Casa

almoços e para refeições menos formais e mais rápidas, quando estão apenas em família.

A importância da sala de jogos foi uma vontade referida desde logo, mas sempre com a preocupação dos barulhos e da perturbação que poderia causar a quem estivesse nos quartos.

Por fim, e com grande importância, colocaram a condição da casa possuir apenas um piso, uma vez que um dos membros do casal requerente é afectado por problemas de saúde, podendo vir a necessitar, com o passar dos anos, de condições de acesso e mobilidade favoráveis no lar.

*“Numa ocasião, uns estudantes perguntaram a Fernando Távora: “Professor, que é para si a boa arquitetura?”. Távora respondeu: “A boa Arquitectura é aquele lugar onde as pessoas se sentem bem”: Refletindo sobre as palavras de Távora, cheguei à conclusão de que uma casa de banho com luz e ventilação natural seguramente é melhor que uma às escuras, iluminada e ventilada artificialmente.”*

Eduardo Souto Moura - Conversas com estudantes p.69, 70

Como dizia Fernando Távora, a boa arquitetura é aquele lugar onde as pessoas se sentem bem. A arquitetura é feita e pensada para as pessoas. Sem pessoas, os espaços não fazem sentido, logo é essencial as pessoas sentirem-se bem nos espaços. É importante pensarmos sobre as pessoas que se apropriarão de um certo espaço que idealizamos. Por vezes, os espaços não são usados para as pessoas ou para o fim para que foram pensados mas sim de outra forma. A casa, quando habitada, reflete a imagem de quem lá vive de uma certa forma. Naturalmente, vai haver uma apropriação do espaço. É determinante que o arquiteto tenha a maior compreensão possível do espaço e de quem o vai habitar, tendo assim um maior controlo sobre o espaço.

*“Recordando a Bruno Taut cuando afirmaba que “es irrelevante el aspecto de la arquitectura sin gente, lo que importa es el aspecto de la gente en ella”*

Casa Collage p.16



## **0.2 O percurso entre a casa e a Vila – O rio como elemento marcante**



FIG.39 - O início do percurso, antes de chegar ao Terreno



FIG.40 - A chegada ao Terreno - contacto visual com a casa do lado Norte do terreno



FIG.41 - A entrada do Terreno



*“A relação entre a natureza e a construção é decisiva na arquitetura. Esta relação, fonte permanente de qualquer projecto, representa par mim como que uma obsessão; sempre foi determinante no curso da história e apesar disso tende hoje a uma extinção progressiva.”*

Álvaro Siza Vieira - Imaginar a evidência p.17

O rio é predominante em todo o percurso que liga o terreno ao centro da Vila. Nesta sequência fotográfica aqui apresentada pretende-se dar a conhecer este percurso, bem como fazer uma análise geral do lugar, saber o que o envolve, e quais as suas características para que haja uma consciente intervenção.

Quanto melhor for a compreensão do terreno mais simples será chegar a uma boa solução. Como Siza diz na sua obra “Imaginar a Evidência”, a relação entre a natureza e a construção é decisiva na arquitetura. É preciso haver um bom entendimento desde o particular até ao geral, senão a relação entre a natureza do terreno e a habitação que aí será implantada, torna-se forçada.

A casa situa-se a cinco minutos a pé da zona histórica. À sua volta temos o estádio municipal, a Fundação Bienal de Arte de Cerveira, o Fórum Cultural de Cerveira e a Cooperativa Agrícola de Cerveira. Ao seguirmos pela avenida de Tomiño, é de realçar que grande parte deste percurso é acompanhado pela ecopista, são facilmente perceptíveis as divisões dos lotes através dos muros exteriores, estes variam entre pedras e plantas. Apercebemo-nos também que dois dos lotes vizinhos têm uma área maior por abrangerem dois lotes para uma só habitação. Mais à frente encontramos um cais, daqui podemos ver com alguma clareza os lotes e a ponte em grande plano. Do outro lado do cais estão as piscinas municipais, isto tudo a cerca de 5 minutos a caminhar. Por trás das piscinas observamos o Castelo, andamos em sua direção e entramos na Avenida dos Pescadores. Aqui, viramos para nascente em direção ao auditório municipal e à Câmara. Antes de chegarmos à Câmara, do nosso lado esquerdo, fica o parque onde todos os sábados se realiza uma das mais conhecidas e conceituadas feiras do país, a feira de Cerveira. Ao chegarmos à Câmara, deparamo-nos com uma pequena praça característica do Minho, com muitas soluções de restauração, envolvida nas muralhas do Castelo e onde podemos ter uma viagem temporal cheia de história para descobrir. Desde a Igreja Matriz até à Fonte de Lovelhe, passando pela igreja da Misericórdia e pelo Pelourinho. Saindo da zona central, podemos ir ver um dos mais espetaculares Por do Sol da região, subindo até à estátua do cervo. Deparamo-nos com uma paisagem cheia de natureza, composta pelo contraste entre



FIG.42 - O percurso



FIG.43 - O percurso - ao longo dele, notamos as alternancias dos muros limites dos diferentes lotes



FIG.44 - O percurso - A presença do Rio Minho

o verde, muito predominante em Cerveira e do lado de Espanha, e o azul do Rio que se encontra com o mar em Moledo, sendo até visível o Monte de Santa Tecla.

A casa encontra-se situada numa zona muito privilegiada, pois está rodeada de serviços comuns do dia-a-dia, de restauração, de história, do rio e do mar.

*“Para mim a luz tem a mesma importância que o espaço; não existe arquitectura sem luz, não existe uma arquitectura escura, negra. Não se pode viver na escuridão.”... O que penso da luz? A luz é arquitectura. Pode tratar-se de um parque natural, do espaço em geral, de quatro paredes com dois buracos; definitivamente, é impossível separar o conceito de luz do da arquitectura.”*

Eduardo Souto Moura - Conversas com estudantes p.74, 75

Souto de Moura, no livro “Conversas com Estudantes”, ao responder à pergunta: “Gostaria que falasse com mais profundidade sobre o papel que desempenha a luz na sua arquitectura e de como a plasma.”, responde que a arquitectura não existe sem luz, que não podemos viver na escuridão.

Assim, a luz, como as pessoas, dão carácter e individualidade aos espaços. Sem estes dois factores, a arquitectura não faria sentido.

Ao longo do percurso descrito, pudemos verificar que a luz e o rio são dominantes e que igualmente estão bem presentes, como características especiais deste terreno de Vila Nova de Cerveira.





Fig.45 - O percurso - O cais



FIG.46 - O percurso - A presença do Rio Minho e de Espanha



FIG.47 - O percurso - A ecopista





FIG.48 - O percurso



FIG.49 - O percurso - O ponto de viragem para a Vila (passagem do comboio por cima)



FIG.50 - O percurso - A chegada ao centro da Vila



## **0.3 Projeto e o seu processo**





# Um primeiro pensamento, uma primeira ideia

*“Todo o homem cria formas, todo o homem organiza o espaço e se as formas são condicionadas pela circunstância, elas criam igualmente circunstância, ou ainda, a organização do espaço, sendo condicionada, é também condicionante.*

*O Arquitecto, pela sua profissão, é por excelência um criador de formas, um organizador do espaço; mas as formas que cria, os espaços que organiza, mantendo relações com a circunstância, criam circunstância, e havendo na acção do arquitecto possibilidade de escolher, possibilidade de selecção, há fatalmente drama”.*

Da organização do espaço,  
Fernando Távora, p.73

Desenhar uma casa para alguém, apesar de parecer algo natural e quase espontâneo, é bastante mais complexo do que imaginávamos à partida. Quando observamos uma casa, por vezes, não nos apercebemos da complexidade que ela envolve, uma vez que é algo imediatamente presente na nossa vida.

O primeiro impacto com o terreno não foi o mais positivo. Idealizando Cerveira como um pequeno paraíso, que sempre visitava no verão, fiquei impressionada quando cheguei num dia fresco, de fim de outono e me deparei com um terreno cheio de vegetação, sujo, confuso, que não conseguia entrar nem ver o seu fim. Logo de imediato resolvi bater à porta de uma das casas vizinhas mas, em todas as minhas visitas ao terreno, a casa encontrava-se fechada, dando a sensação de se tratar de uma vivenda de férias. De seguida, tentei a sorte no outro vizinho, que se encontrava presente, e me recebeu com grande simpatia. Consegui entrar no seu terreno e percorrê-lo até ao final onde me deparei com um pôr do sol fascinante que, a partir daí, me marcou e mudou por completo o primeiro impacto inicial, que existiu ao chegar ao terreno. Aí começaram as reflexões, as primeiras ideias, as dúvidas e alguns aspetos que logo, desde início, foram postos de parte, unicamente por efeito da observação das casas dos vizinhos.

Depois desta visita ao terreno em Vila Nova de Cerveira, começaram os primeiros sentimentos, vontades e ideias que, quando foram postos no papel, rapidamente se desmoronaram. Passar para o papel ideias e pensamentos, por vezes torna-se ingrato, pois nem sempre o que sonhamos e idealizamos se torna real quando se torna material. Ter ao nosso dispor um terreno com esta forma



FIG.51 - Vista interior, Casa de Ofir - Fernando Távora



FIG.52 - Vista exterior, Casa de Ofir - Fernando Távora



FIG.53 - Planta, Casa de Ofir - Fernando Távora

e dimensão, sem “um ponto onde pegar”, como por exemplo uma ruína ou algo que permita perceber onde e qual seria o ponto de partida, tornou o processo inicial mais difícil, mas também mais desafiante. Como tal, a partir dessa altura, começou-se uma procura de aproximação à implantação da casa ao lugar e à geometria do terreno. Apesar disso, a dificuldade encontrada em representar os pensamentos e as inúmeras ideias sempre foi um grande obstáculo a superar ao longo de todo o trabalho. Como Eduardo Souto de Mouta afirma, um arquiteto, hoje em dia, tem tanto por onde escolher e pode fazer tanta coisa sem limitações que o processo se torna mais difícil mas ao mesmo tempo desafiante.

*“Um arquitecto pode utilizar qualquer forma ou material – triângulos ou curvas, pedra ou titânio -; hoje o problema da arquitectura consiste em não ter limitação alguma e poder fazer tudo o que se queira.”*

Eduardo Souto Moura - Conversas com estudante p.72

Desde o início, o desagrado da imagem de uma casa de um lote vizinho estava muito presente, marcada que estava pela visão de um volume que ocupava a totalidade da frente desse lote, perdendo a percepção da beleza e da riqueza daquele lugar. Logo aí, a ideia de usar a frente do terreno para construir a casa ficou fora das nossas intenções.

No princípio, pensou-se numa casa claramente dividida em três volumes, distinguindo a zona privada, a zona social e a zona de jogos, mas no seio das quais existisse um pátio exterior que criasse uma ligação visual entre as três zonas, e dotando a zona privada de maior reserva, através da atribuição de um pátio individual a cada quarto.

A “casa de Ofir” foi, desde cedo, uma referência para mim, projeto de Fernando Távora, de 1957, localizada no Pinhal de Ofir, entre o rio Cávado e o mar, exatamente em Esposende, que foi encomendada por Fernando Ribeiro da Silva.

Aqui, a modernidade foi associada à natureza tradicional da casa Portuguesa. A relação da obra com a natureza retrata a espacialidade moderna, as torções dos volumes, as relações entre a ligação da cobertura inclinada com a plana, integrando-se a obra, de forma equilibrada, na paisagem. Távora tem como teoria a transparência e a simplicidade formal, ao separar por volumes, que se leem do exterior, as diversas funções da casa. Conceito este que me motivou.





FIG.54 - Vista poente do terreno ao final da tarde



O que retiramos desta obra é a grande coerência da relação com a paisagem, que Távora trabalha nesta obra. Pois a nível formal a obra em dissertação não se adequa a este programa.

Foi, pois, aqui que se começou a refletir mais a fundo sobre os espaços exteriores da casa e a coerência que a casa deveria ter com o espaço envolvente. A intenção era o volume integrar-se de forma equilibrada com a paisagem.

Ainda numa altura muito livre do desenho, pensou-se num terreno como um só espaço, sem ter presente o seu declive, que só mais tarde foi possível compreender ser mais acentuado, após a limpeza do terreno. Tudo ponderado, abandonou-se esta solução. Apesar dos volumes se encontrarem a distâncias diferentes, e de existir uma dinâmica variada, criava-se a sensação de barreira a quem entrava no terreno, o que tornava a relação, com a envolvente e com a natureza, “forçada”. A casa impunha-se perante a envolvente natural, o que originava um desequilíbrio do lugar.

El hogar no es un simple objeto o un edificio, sino un estado difuso y complejo que integra recuerdos e imágenes, deseos y miedos, pasado y presente. El hogar es también un escenario de rituales, de ritmos personales y de rutinas del día a día. El hogar no puede producirse de una sola vez. Tiene una dimensión temporal y una continuidad, y es un producto gradual de la adaptación al mundo de la familia y del individuo.”

Juhani Pallasmaa - Habitar p.18

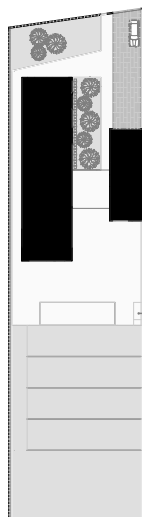
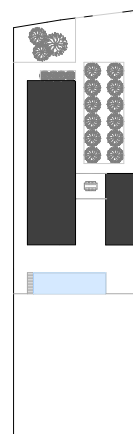
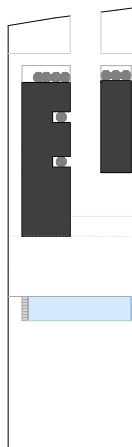
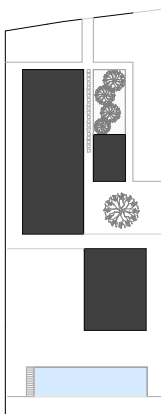
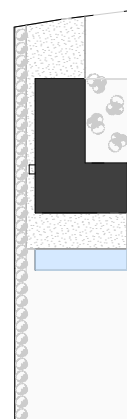
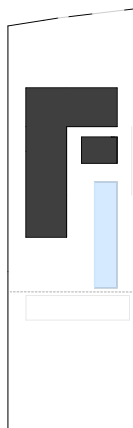
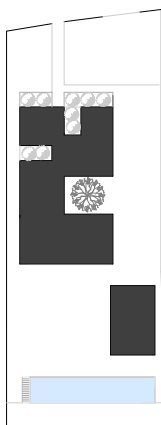
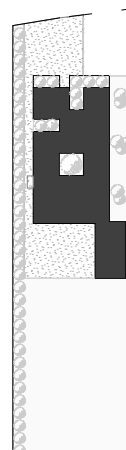
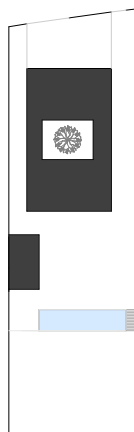
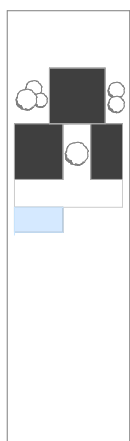


FIG.55 - Esquemas da evolução do Projeto

## A necessidade da procura de referências: O confronto de ideias

Após o primeiro contacto com o projeto, desde o primeiro traço no papel, passando pela procura de referências que pudessem auxiliar na definição do projeto, as ideias foram surgindo. A procura de referências, como elemento fundamental no processo do desenvolvimento de um projeto, permitem, por um lado, colocar em cima da mesa opções de organização do espaço, de enquadramento, de materialidades, enfim, de modos de fazer projeto, que, mesmo que não possuam uma relação direta com o projeto que está a ser desenvolvido, acabam por influenciar o mesmo e a abordagem que temos sobre ele, o projeto. Muitas das vezes, não existe a percepção desta influência, mas a verdade é que as referências - voltando a frisar - são fundamentais para a definição de uma abordagem e uma estratégia de projeto.

No início do processo, foi agendada uma reunião com o arquiteto responsável pelo urbanismo da Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira, onde foi possível colocar algumas questões, maioritariamente técnicas, relacionadas com o que seria possível fazer, de acordo com a legislação em vigor. Com esta reunião foi possível perceber, por exemplo, que não seria possível edificar na área adjacente ao rio e que a construção deveria seguir o alinhamento dos edifícios contíguos.

Foi ainda possível depreender que havendo a pretensão de abrir vãos nas fachadas laterais, vãos, por exemplo, de instalações sanitárias, teria que ser garantido um afastamento de, pelo menos, metade da altura da fachada. Se estes vãos correspondessem a compartimentos como quartos, salas ou cozinhas, teria que ser garantido um afastamento de, pelo menos, 5 metros. Além disso, sendo considerado um edifício destinado à habitação unifamiliar de um só piso, a altura da fachada, nos seus limites, não poderia exceder em todos os pontos, a altura de 1,50m relativamente ao terreno vizinho. Porém, como no caso proposto, tendo a construção um carácter de anexo, a altura máxima já poderá ser de 2,70m e o pé direito interior de 2,30m. Tendo em conta estas considerações, foram excluídas algumas possibilidades, o que permitiu clarificar a estratégia a seguir.

Constatando-se o que seria possível ou não fazer, o trabalho centrar-se-ia, agora, nas preocupações iniciais: O cuidado na

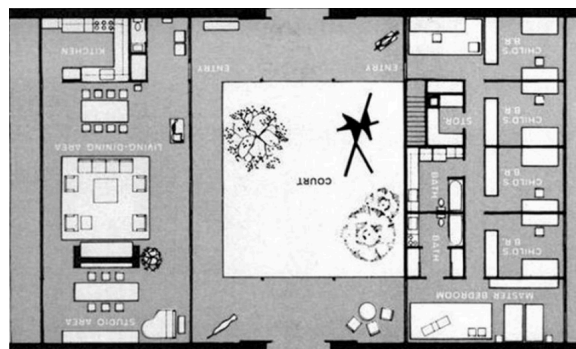


FIG.56 - Planta casa Eliot Noyes

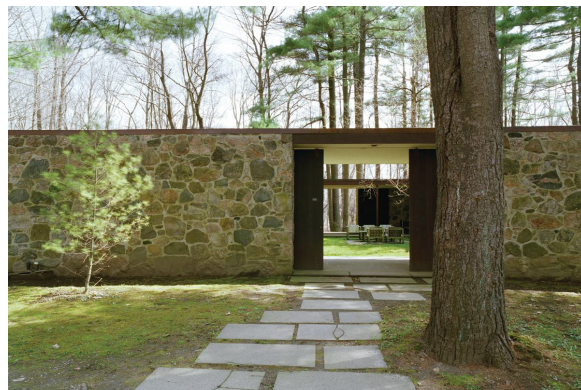


FIG.57 - Fotografia exterior da casa Eliot Noyes

implantação do volume de forma a resultar numa relação harmoniosa com a envolvente e com o rio, assim como uma relação equilibrada entre volumetria proposta e o terreno existente. Posto isto, e de modo a que seja possível compreender o processo de evolução da ideia inicial à ideia final, apresenta-se uma sequência de plantas que representam as várias fases do projeto. De salientar que mesmo a solução apresentada como final, está constantemente a ser questionada.

Depois da primeira ideia, e das conclusões que daí foram sendo retiradas, seguiu-se para a segunda ideia. Inspirada na casa de Eliot Noyes, com um pátio central que faz a distribuição das zonas, ou seja, o pátio divide a zona social da zona íntima. A grande característica desta casa, além do pátio central, consiste nos dois muros que a envolvem. Sobre esta referência, será importante dizer que esta influenciou demasiado a primeira solução apresentada, e, deste modo, foi possível perceber que embora importantes, nem sempre as referências se aplicam integralmente ao projecto que estamos a desenvolver.

Neste caso, no projeto que estava a ser iniciado, foi possível tomar consciência que, ao virar grande parte da casa para dentro do pátio, o que, no nosso primeiro entendimento, aparentava ser uma solução pertinente e com sentido, por permitir a privacidade em relação às construções adjacentes, esta solução não permitia tirar o maior proveito da exposição solar que o terreno confere. A zona privada ficaria virada a norte, o que, do nosso ponto de vista, não faz sentido, principalmente nesta zona do país, e a zona social virada a poente, o que parecia ser uma solução com mais lógica. No entanto foi possível concluir que, ao fechar por completo a fachada sul, estaria a limitar muito a habitação do ponto de vista da exposição solar, e do aproveitamento do mesmo. Como afirma Eduardo Souto Moura, no Sul, a tendência é fechar as casas a Sul mas, no norte, o natural é abrir as casas para Sul. As condições de norte a sul do país variam, e, conseqüentemente, a arquitetura deve adaptar-se.

*“É inegável que no Sul há uma atividade muito mais ligada ao exterior que no Norte; e aí as casas são muito mais abertas. Por exemplo: Os lotes no Norte são mais fechados, e as casas abrem-se para sul; enquanto no Sul é ao contrário.”*

Eduardo Souto de Moura - Luiz Trigueiros, p.28

Posto isto, a exposição solar seria um ponto muito importante a ter em conta. A ideia do pátio central, como solução, foi posta, deste modo, de parte, mas a ideia da casa ter pátios manteve-se. Na terceira solução, os pátios foram já pensados e desenhados de outra forma. O conceito de haver um pátio que fizesse a





FIG.58 - Plantas da evolução do Projeto

transição entre a zona privada e a zona social mantinha-se, mas agora com uma dimensão menor, deixando este de ter a importância que tinha na solução anterior. Aqui, cada quarto apresentava o seu próprio pátio privado, o que, com o desenvolver do projeto, foi possível deduzir que era algo que não fazia sentido, visto já estarmos num lugar privado e familiar quando entramos no terreno. De facto, ao desenhar os pátios, estava a criar-se uma barreira entre o interior e o exterior, dentro de um espaço que, por si só, já era interior e privado. Nesta proposta, a casa já se encontrava dividida por dois volumes: o segundo volume seria pensado para, além de zona de jogos, ser um espaço que poderia servir a hóspedes, e mais tarde possibilitar a criação de uma segunda casa pequena, pensando-se assim nas gerações futuras. De frisar que esta opção esteve presente até à proposta final, sofrendo, no entanto, algumas alterações. Foi a partir deste momento que foi possível descobrir que os pátios não faziam sentido, e que começou a ser mais perceptível que a casa poderia ocupar menos frente.

As soluções que se seguiram procuraram um desenho mais estreito em L, ocupando menos largura do terreno, favorecendo o lado Sul do terreno, ficando em consequência o Norte com menos valor. A ideia seria fazer a piscina acompanhar o desenho longitudinal da casa. A zona privada e a zona social continuavam distanciadas e bem definidas. A cozinha, desde início pensada com uma grande relação com a sala e com o exterior, possibilitando assim o uso do mesmo para a realização de refeições, criava um problema em ambas as soluções: Os automóveis não chegavam junto da zona da cozinha, o que dificultava a logística, por exemplo, perante o simples ato de descarregar as compras. Na verdade, neste modelo, os automóveis ficavam na entrada da casa, junto dos quartos, o que também não era uma solução favorável. Nestas duas soluções, o volume da sala de jogos, que era também pensada para outros afins, perdia o seu carácter. O que se preservou destas soluções foi a sua forma longa e retangular, uma vez que se chegou à conclusão que o terreno necessitava de um desenho que o acompanhasse, integrando-se assim, desta forma, de um modo mais equilibrado com a natureza envolvente. Seria também pretensão que o volume da sala de jogos voltasse a fazer parte, e que o espaço destinado ao estacionamento dos automóveis fosse pensado com outro cuidado.

Desta forma, foi possível chegar a noções mais conclusivas, o que se tornou motivador no processo do desenvolvimento do projeto.

Na fase seguinte, surge o princípio do conceito que foi trabalhado

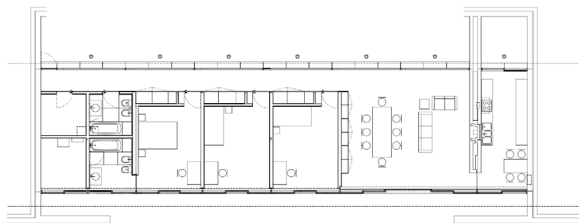


FIG.59 - Planta casas de Moledo  
Souto Moura



FIG.60 - Fotografia exterior -  
Casa de Moledo

FIG.61 - Fotografia interior,  
relação com o exterior

até à solução final, de forma progressiva. A ideia seria que a casa se virasse toda a sul, desde os quartos, passando pelas instalações sanitárias, até à zona social da casa. Já o alçado norte apenas teria um vão que garantiria alguma luz natural ao corredor de distribuição para os quartos. A ideia seria, como já foi dito anteriormente, que o volume da casa seguisse a topografia do terreno.

Nesta fase, a Casa de Moledo, de Eduardo Souto de Moura, tornou-se uma referência com importância, por diversos motivos: Por estar localizada junto à Foz do rio Minho, por se inserir no distrito de Viana do Castelo e também por se tratar de uma habitação unifamiliar. A organização da casa de Vila Nova de Cerveira seguia, de certo modo, uma lógica próxima da vertida na Casa de Moledo. Ambas possuem um desenho retangular e extenso. A divisão da zona privada para a zona social é bem definida, mas no caso da casa de Moledo esta transição faz-se a partir da zona de refeições da sala, ao contrário do que se passa na Casa de Cerveira, que é feita a partir da zona da cozinha, tendo assim a vantagem da zona dos quartos ter um acesso mais direto à cozinha, não tendo de passar pela sala. Na Casa de Cerveira, a cozinha faz a articulação entre as duas zonas, que é vista como um ponto central da casa. As duas possuem um corredor de distribuição para os quartos, inicialmente pensada, na Casa de Cerveira, com a mesma lógica seguida na Casa de Moledo, tendo dois alçados envidraçados. No entanto, compreendeu-se que, no caso da Casa de Cerveira, não seria pertinente, uma vez que o terreno não apresenta características para tal, acabando apenas por encarcerar o projeto. Posto isto, decidiu-se desenhar, ao longo de todo o corredor, armários de apoio aos quartos e à própria habitação, abrindo por cima destes uma janela, para resultar a entrada de luz natural. Tinha surgido, como ideia, cobrir os armários com espelhos, de modo a dar a ilusão de uma maior amplitude ao espaço. Na Casa de Moledo, a relação da sala com a cozinha não seria tão próxima como no projeto para a Casa de Cerveira. Na Casa de Moledo a cozinha fica por trás de uma parede onde se encontra a lareira enquanto, na Casa de Cerveira, o espaço é muito mais aberto, tendo apenas dois elementos que assinalam esta divisão de espaços: um elemento vertical e o pavimento.

Nesta fase, tomou-se também a decisão de que a casa ia ser dividida em dois volumes, uma vez que a ideia da zona de jogos se situar no mesmo volume que a restante habitação não seria uma solução desejável. Recordando, neste momento, os Verões passados na casa de campo dos avós, onde tios e primos se juntavam para jogar cartas ou bilhar e ver filmes pela noite dentro, espaço este que servia também de salão de festas e de zona de dormir



FIG.62 - Fotografia maquete de estudo - alçado poente



FIG.63 - Fotografia maquete de estudo - alçado nascente



FIG.64 - Fotografia maquete de estudo



quando necessário, este volume apresentou várias soluções. Nesta fase, a maquete tornou-se importante, pois seria necessário entender onde fazia sentido ele estar. Primeiro pensou-se neste volume desalinhado com a habitação, mas logo se percebeu que seria desapropriado na tentativa de conferir privacidade, pois apesar da vantagem de ser de mais fácil acesso o espaço dedicado ao arrumo de material da piscina, cadeiras, corta relvas, máquinas e outros artefactos, em contrapartida perdia-se a relação da lavandaria com a habitação, pois tanto a lavandaria com a zona de arrumos da piscina se encontrariam no mesmo volume da zona de jogos.

Assim, foi considerado colocar este volume em frente à zona dos quartos, o que criaria uma maior zona exterior junto à zona social, entrando, porém, em conflito com os quartos. Logo depois, chegou-se à conclusão que fazia mais sentido este volume ficar em frente à zona social da casa, pois libertava o espaço em frente aos quartos, gerando uma ampla zona verde e criando assim uma relação visual entre a sala de estar e a sala de jogos, solução esta que perdurou durante algum tempo. Estes dois volumes mantinham um desenho simétrico no seu alçado, os vãos encontravam-se, portanto, frente a frente, com o objetivo de criar uma grande relação visual entre ambos os espaços.

Aqui, permitia-se também levar os automóveis até a zona da cozinha, criando ainda, juntamente com o mesmo volume, uma zona coberta para o estacionamento dos carros. Entre estes dois volumes, desenhou-se uma cobertura em ripas de madeira com um vidro por cima, de modo a proteger contra as chuvas, que serviria de passagem coberta entre a lavandaria, o estacionamento dos automóveis e a sala de jogos. A lavandaria foi pensada fora da casa, pois cobriria a possibilidade de um dia a casa servir também para alojamento local, e deste modo, a logística, neste caso, seria facilitada. Este espaço exterior coberto foi pensado ainda como zona de refeições ao ar livre, mantendo uma relação próxima com a cozinha e uma relação visual com o rio e a envolvente, como conversado com o casal requerente.

Neste momento, questionou-se a forma como tinha sido resolvida a transição da cota alta para a cota mais baixa. Até este momento, esta transição realizava-se através de umas escadas junto à piscina, e uma rampa lateral que acompanhava a inclinação natural do terreno. Foi aqui que foi introduzida a hipótese do desenho de uns socacos que viriam a fazer a transição da cota alta para a cota baixa, resolvendo assim o paredão que surgia quando se descia da piscina para a cota mais baixa.



FIG.65 - Casas das Artes Souto Moura - Relação com a envolvente



FIG.66 - Casas das Artes Souto Moura - Pormenor da transição do exterior para o interior

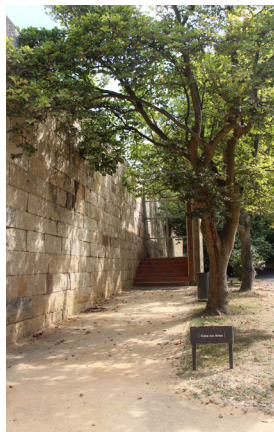


FIG.67 - Casas das Artes Souto Moura - O muro



FIG.68 - Casas das Artes Souto Moura - A entrada

Com o desenvolver do trabalho e com as considerações retiradas da maquete, foi possível observar que o grande objectivo em manter o contacto visual entre os dois volumes, e o desejo em conservar o aspecto exterior dos alçados e o seu ritmo iguais, não fazia qualquer sentido. Neste processo foi possível verificar ainda que a cobertura plana não resultava neste projeto. A cobertura inclinada veio dar harmonia ao espaço, fazendo suavemente a transição volumétrica entres os lotes vizinhos.

A exploração volumétrica através de maquetes, foi um processo importante na compreensão do terreno, e consequentemente no desenvolvimento do projeto. Durante o processo houve uma simplificação na organização do programa. No último momento do trabalho, alguns pontos tornaram-se claros.

Concluiu-se, ainda, que o volume da sala de jogos, ao ter a mesma leitura do volume principal, se desvalorizava, não sendo clara a compreensão e a definição dos espaços. Visualmente, o volume da sala de jogos aparentava ser “um apêndice”, algo forçado, a ser uma coisa que não era. Aquele espaço necessitava de privacidade em relação à casa mãe, passando este a ser visto como um espaço de convívio distinto da sala de estar da casa. E pensado também, conforme já referido, como um acréscimo, se necessário, para dormirem mais pessoas.

Assim sendo, este volume passou a ter um carácter oposto, mais privado e “camuflado” com o terreno e com a envolvente. Um muro de pedra iria criar a separação física e visual destes dois espaços, sendo usada a mesma pedra neste volume como na divisão dos lotes vizinhos. A Casa das Artes, de Eduardo Souto de Moura, localizada no Porto, entra aqui como referência. O muro esconde o edifício e a grande porta em vidro, que faz a transição do exterior com o interior, resolvendo assim o confronto entre os dois muros de pedra. No caso da casa em Vila Nova de Cerveira, o volume da sala de jogos procurou usar este conceito de se tornar o mais discreto possível. Fazendo também a transição do alçado longitudinal, em pedra, com o alçado poente, em betão, através de uma porta em vidro que percorre a altura toda do alçado.

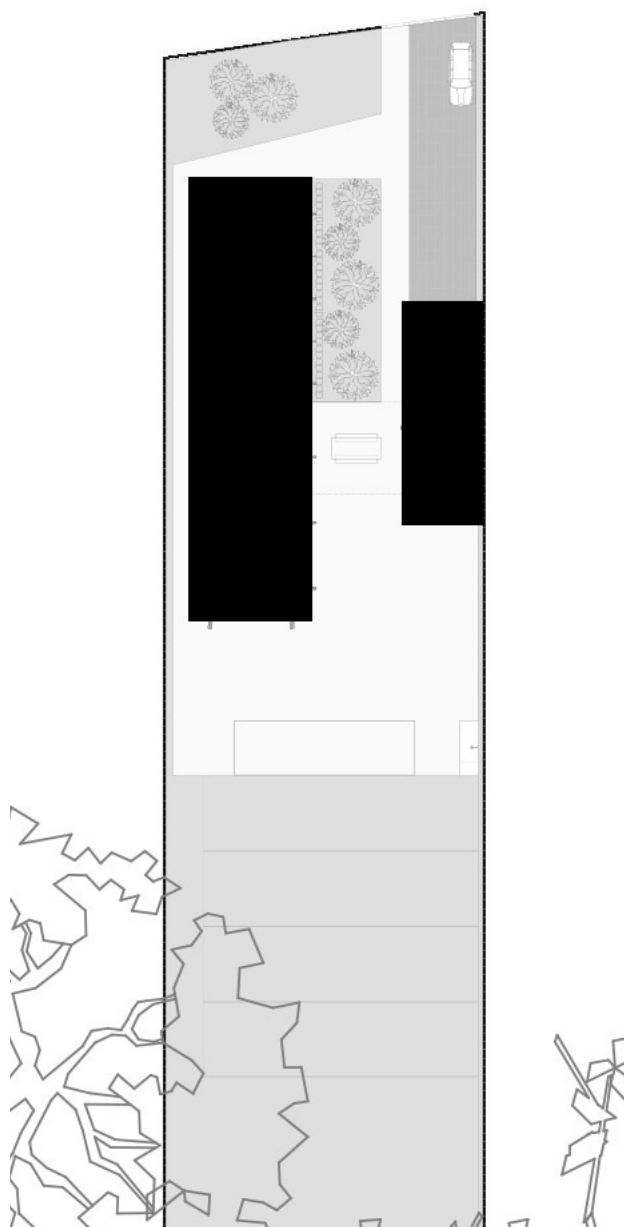


FIG.69 -Planta esquematica -  
solução final

Por fim, foi possível compreender que o desenho dos socalcos ainda não fazia a transição das duas cotas de forma coerente e que a relação dos socalcos com as escadas desenhadas apresentava vários problemas de forma. Resolveu-se então excluir as escadas, mantendo apenas a rampa e os socalcos. De modo a tornar coerente a relação entre os socalcos e a rampa, decidiu-se acrescentar um socalco e criar uma ligeira inclinação, sendo, assim, possível a transição, de forma mais suave, entre a rampa e os socalcos. Os socalcos tinham como propósito ser espaços onde as pessoas pudessem estar e contemplar a vista sobre o rio e desfrutar da natureza envolvente.

A exploração de soluções, a compreensão do lugar, o papel do desenho e a procura da evolução histórica são pontos essenciais no conhecimento da arquitetura e na definição e organização do programa. Como diz Álvaro Siza Vieira, em *Imaginar a Evidência*, o projeto de uma casa é algo complexo e que tem de ser pormenorizadamente estudado.

*“O projecto de uma casa unifamiliar, estudado num escritório de uma certa dimensão, exige um esforço notável, visto que devem ser analisados em profundidade os hábitos, as necessidades e as aspirações da família que ali irá habitar.”*

Álvaro Siza - Imaginar a evidência  
p39

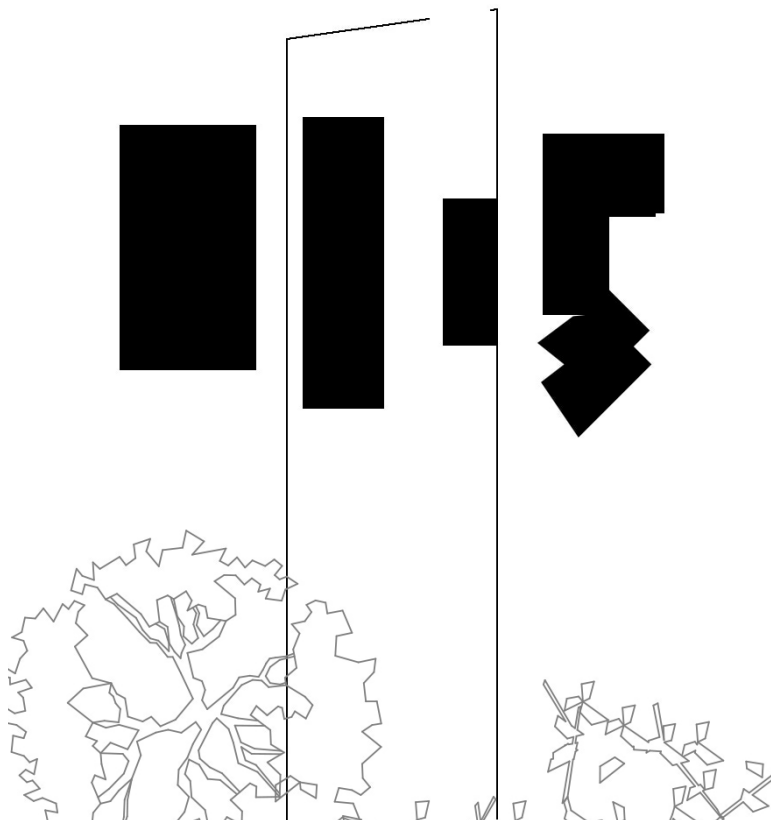


FIG.70 - Esquema cheios e vazios -  
Relação com os lotes vizinhos





## **0.4 Projeto**



## Descrição

A casa de Vila Nova de Cerveira é vista como um todo, mas desenhada, dividindo a área privada da área social.

Estas duas áreas convivem entre si por um corredor comum, dividido por uma porta de correr, junto da qual, do lado social, se situa uma casa de banho de serviço. O tecto falso do corredor, que vem da área privada, é plano até ao alinhamento posterior deste quarto de banho, inclinando depois em duas águas, correspondente à inclinação da cobertura, a partir da entrada da cozinha adjacente ao mesmo quarto de banho.

Exteriormente, o volume da casa apresenta uma cobertura de duas águas inclinada mas interiormente o jogo da mudança de cotas no teto vai expressar a mudança da zona privada íntima para a zona social da casa. Procura-se assim na zona privada criar um ambiente mais fechado, acolhedor e íntimo. Já na zona social observa-se um espaço amplo e carismático devido ao seu grande pé direito, onde se consegue ter um grande contacto visual entre todas as partes.

Toda a zona privada e social da casa encontra-se virada a Sul, com a exceção da divisão da sala de estar, que também tem uma das fachadas virada a poente.

Para poente, encontra-se ainda orientado o volume da sala de jogos que, na solução final, perdeu uma parte da sua área interior de forma a estabelecer o desalinhamento com o bloco da casa e gerar um espaço exterior mais íntimo, criando esteticamente uma maior harmonia do espaço.

Apesar do clima do norte do País ser mais ameno do que a sul, o Verão também se faz ali sentir com bastante calor, para o que foi pensada uma solução. Para isso, a casa tem portadas de madeira com um sistema de acordeão. Além da função de proteção, criam um ritmo na fachada, contrastando a madeira com o betão do resto da casa. Material que é ainda usado na porta entrada pela zona privada.

A casa apresenta-se dividida em dois volumes e três espaços distintos. No primeiro volume encontram-se dois espaços compostos pela zona privada, com três quartos, todos com suíte, e a zona social, organizada pela cozinha e sala, em espaço aberto

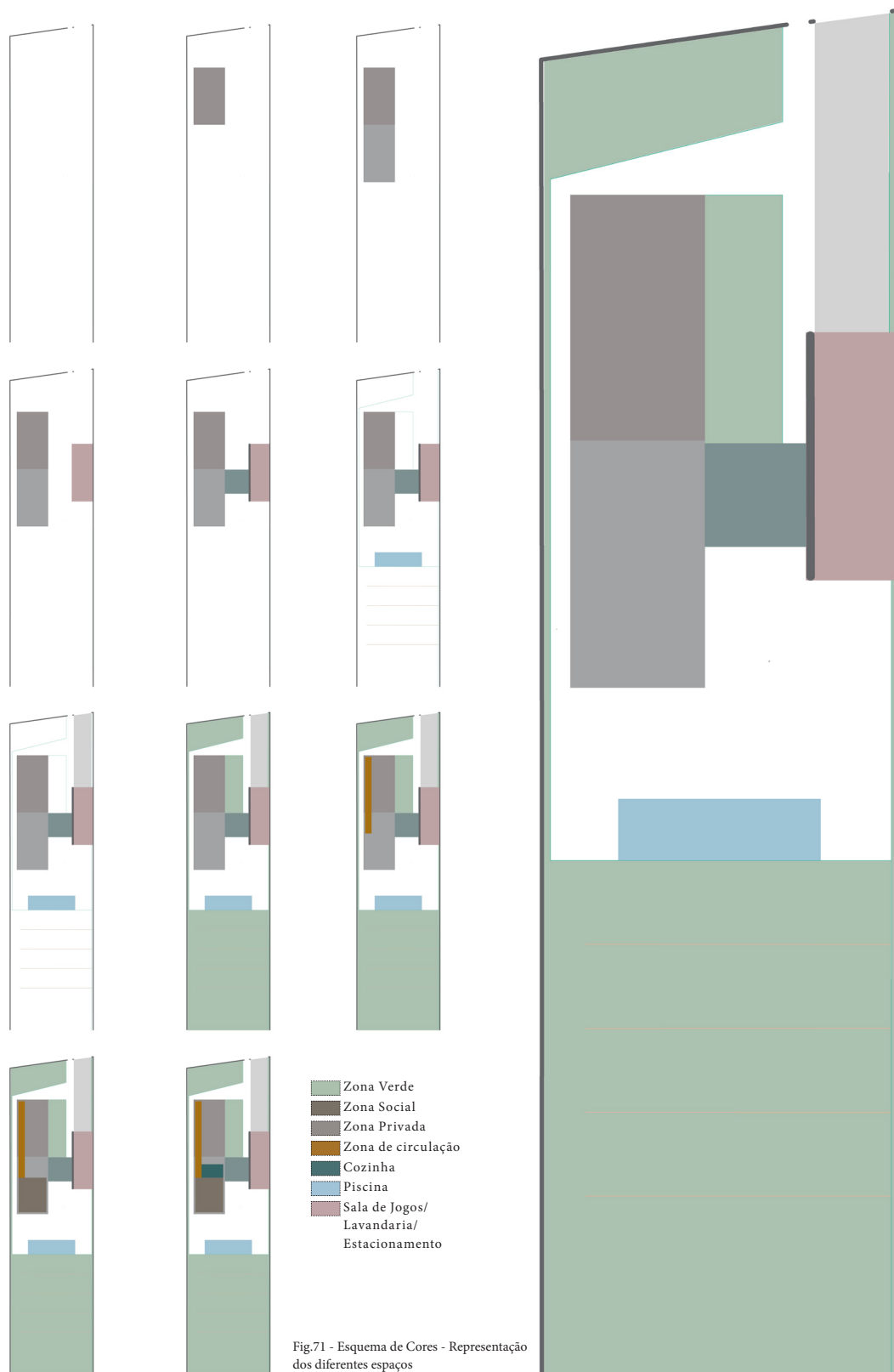


Fig.71 - Esquema de Cores - Representação dos diferentes espaços



com uma natureza clara e ampla, mas contendo elementos que fazem a distinção entre a zona de refeições, a zona de estar e a cozinha. O elemento mais estratégico é um móvel funcional que, pela sua presença física, cria uma nítida divisão entre a cozinha e o resto da sala, mas que não retira a visibilidade entre os espaços, não perdendo assim a sala o seu carácter de espaço único. O terceiro espaço é constituído pela sala de jogos, ficando situado num volume separado do volume principal. Neste espaço, encontra-se também a lavandaria, juntamente com os arrumos para guardar o material da piscina, e a garagem, que tem capacidade para o estacionamento de dois carros. Este segundo volume foi inicialmente pensado como um espaço que, no futuro, tivesse capacidade para se transformar numa pequena “segunda casa”, ideia esta que com o desenvolvimento do trabalho se concluiu não ser oportuno aprofundar. Hoje, este espaço está pensado para, além de sala de jogos, poder receber amigos e família, tendo uma casa de banho completa, o que facilita a dinâmica. Por experiência própria e em conversa com os clientes, percebeu-se que este espaço seria adaptável a várias circunstâncias.

Em relação ao interior da casa, na sua zona privada, o objetivo do teto falso foi criar uma zona mais informal e confortável, e marcar a distinção da zona privada para a zona social como já foi atrás referido. Ao longo do corredor dos quartos são desenhados móveis embutidos destinados a arrumos, tendo por cima deles uma abertura para o exterior que permite a entrada de luz. E por baixo destes, uma luz artificial que se destina a ser uma luz de presença daquele espaço. Já na zona social, é mantida a cobertura inclinada em duas águas por todo o espaço, sendo assim intencionalmente o pé direito bastante mais alto. Na continuidade destes móveis, no mesmo lado, mas na zona social, existe outra estante ao longo da sala, pensada como biblioteca da casa. Por debaixo das estantes estão previstos armários fechados e mais salientes que servem de assentos. Já em frente à cozinha, a parede é apenas rebocada a branco, até encontrar os armários que fazem a transição para a zona íntima da casa.

Em relação ao exterior, entrando na propriedade, temos logo contacto visual com todo o horizonte. À esquerda temos a entrada dos carros e logo na sua frente a zona de estacionamento, adjacente a uma parede em pedra, que é ainda utilizada para fazer a divisão entre os lotes, e cujo objetivo é tornar o mais discreto possível a sala de jogos, a lavandaria, os arrumos e os carros. Consequentemente, a casa mãe vai sobressair em relação a esta.



Fig.72 - Imagem 3D do exterior - A relação de igualdade entre a parede de pedra do anexo e o muro de divisão dos lotes

A Casa Van Middelem-Dupont em Oudenburg, na Bélgica, de Siza Vieira, foi uma referência tida em conta durante algumas indecisões relativas à cobertura e ao exterior.

Na cota mais alta do terreno, houve um cuidado especial no desenho dos percursos e na sua vegetação. Já na cota mais baixa, o objetivo foi manter o mais possível o terreno no seu estado natural. A opção de conceber a piscina na cota superior foi de facilitar o uso da mesma, prevalecendo sobre os eventuais problemas estéticos que eventualmente se podem fazer sentir durante o Inverno (folhagens, lodos).

O desejo do cliente manter com o rio o maior contacto visual possível e possuir uma casa de apenas um piso, e o facto da implantação estar limitada a uma determinada área, foram factores que influenciaram o desenho da casa e a divisão do terreno em duas cotas distintas, encontrando-se a solução através dos “socalcos” ligeiramente inclinados.

No projeto da casa de Vila Nova de Cerveira, inicialmente pensada como uma segunda habitação mas que, futuramente, poderá ser utilizada como a habitação principal, não podemos ignorar que terá sempre características de uma casa de férias, tanto pelo lugar onde se insere, como pela sua fisionomia. Na cota baixa do terreno, não fica excluída a possibilidade de vir a ser aproveitada como espaço de cultivo de produtos hortícolas e frutos.

Projetar uma habitação representa uma forte responsabilidade para o seu autor, carecendo de ser pensada sob vários ângulos e perspectivas e enquadrada por uma particular sensibilidade perante tudo o que é significativo.





Fig.73 - Imagem 3D do interior



Fig.74 - Imagem 3D do exterior A relação dos dois volumes. A entrada





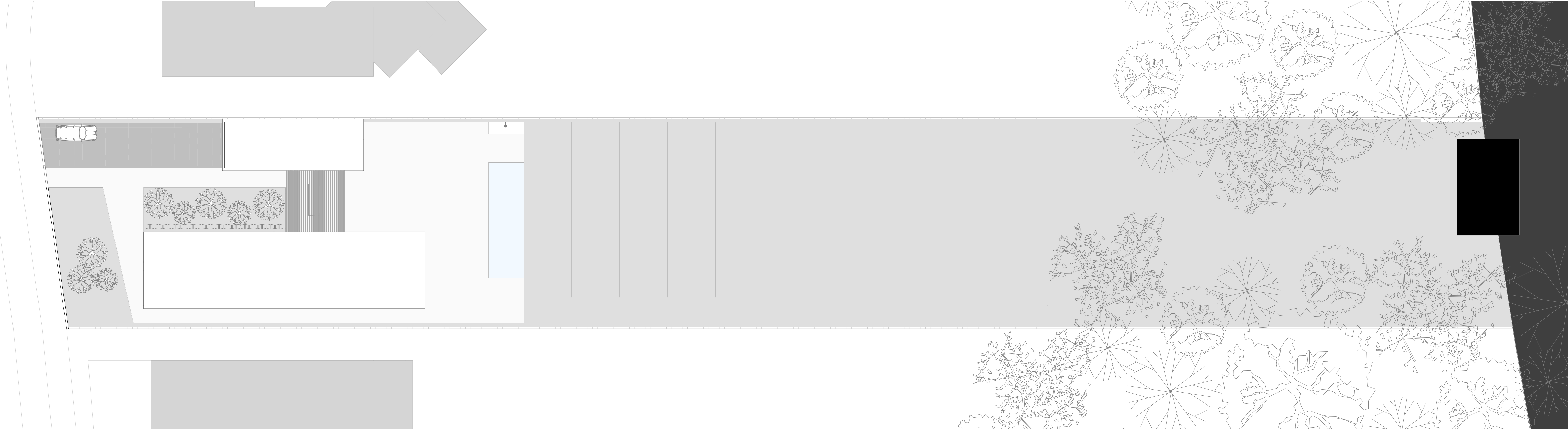
Fig.75 - Imagem 3D do exterior - A relação da sala de jogos com o exterior e com a Casa.



Fig.76 - Imagem 3D do exterior - Relação da piscina com a casa



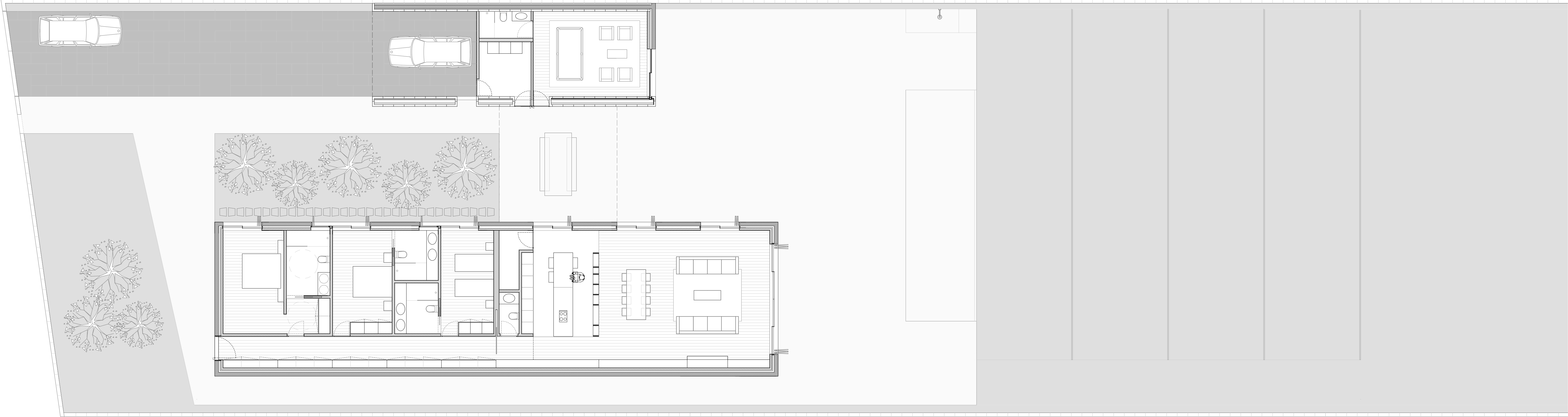




Projeto de uma habitação unifamiliar	
CLIENTE:	
Alexandra Almeida	
João Ranito	
LOCALIZAÇÃO	
Vila Nova de Cerveira	
FASE DE ESTUDO:	
Estudo Prévio	
DESENHO	
Planta de Cobertura	
ESCALA	FOLHA
1.200	A



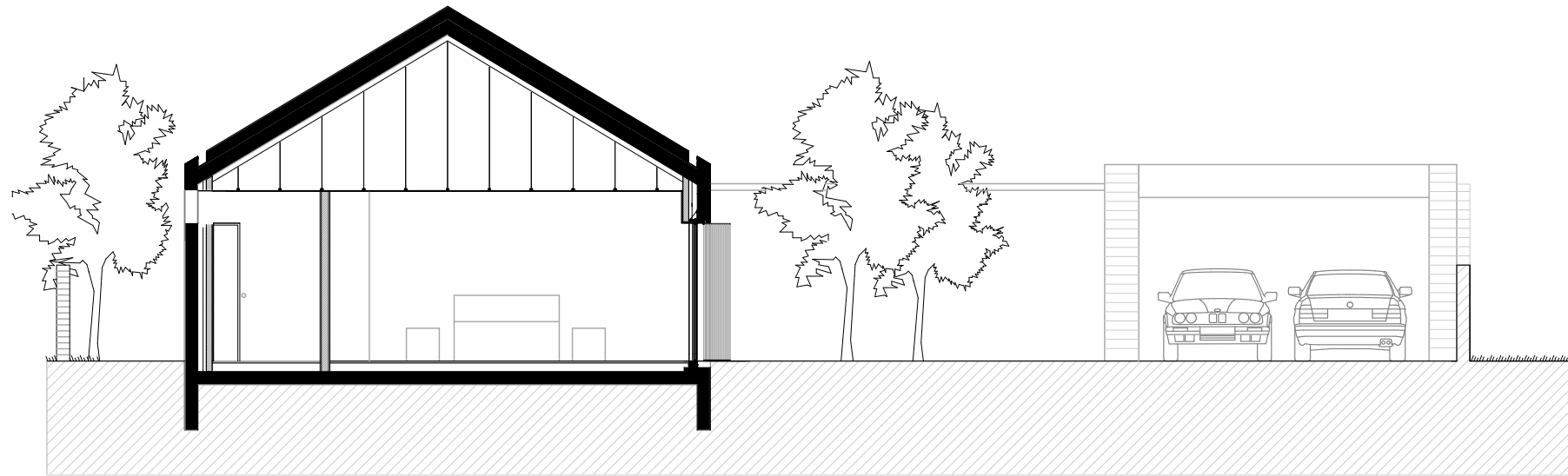




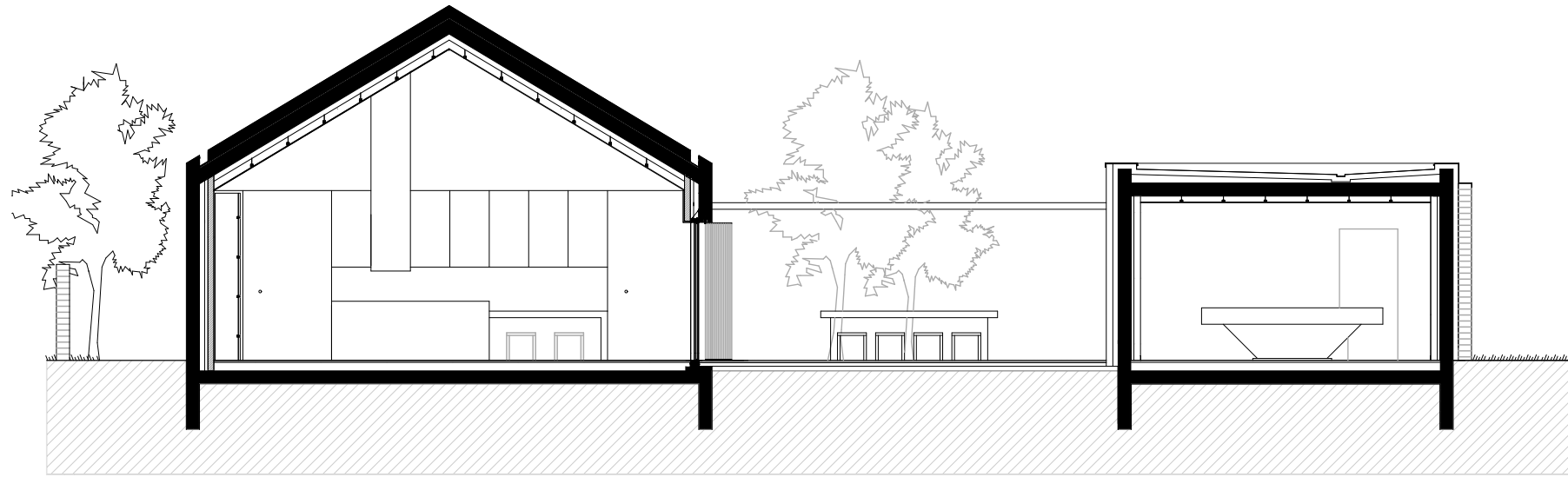
Projeto de uma habitação unifamiliar	
CLIENTE: Alexandra Almeida João Ranito	
LOCALIZAÇÃO Vila Nova de Cerveira	
FASE DE ESTUDO: Estudo Prévio	
DESENHO Planta Piso 0	
ESCALA 1.100	FOLHA B



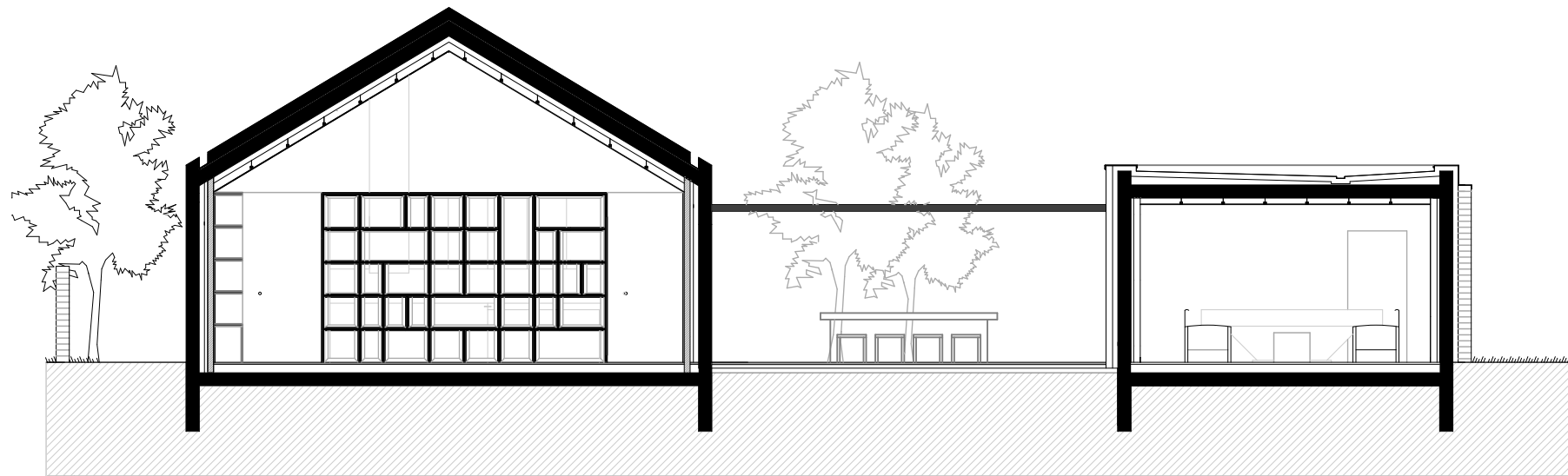




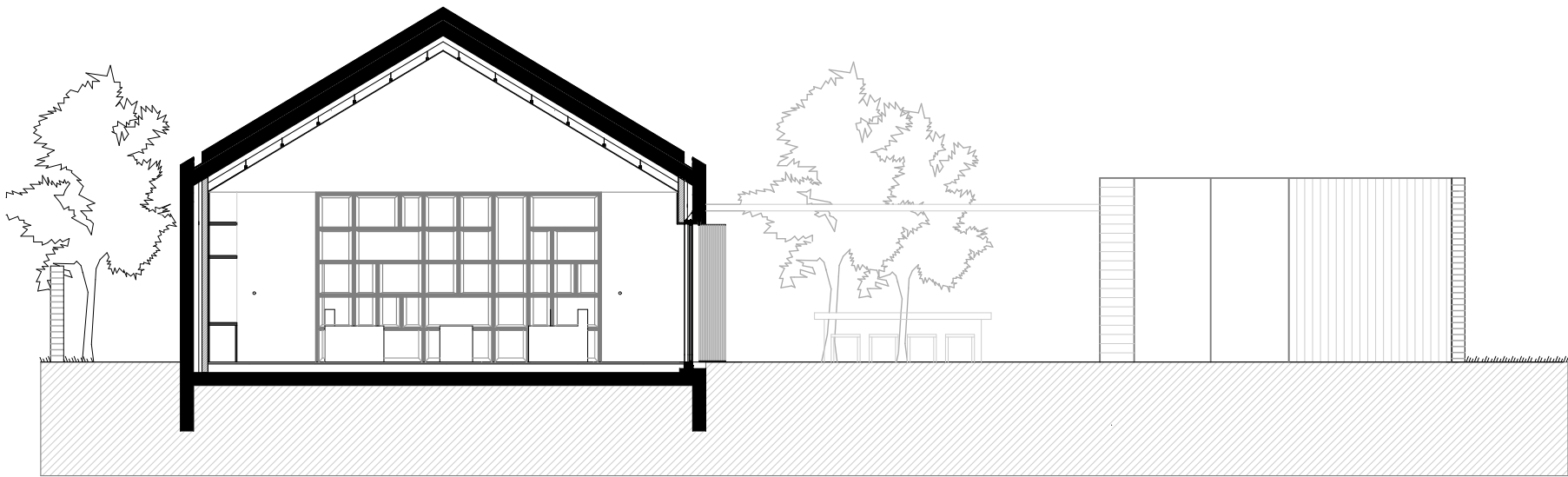
Corte Transversal A



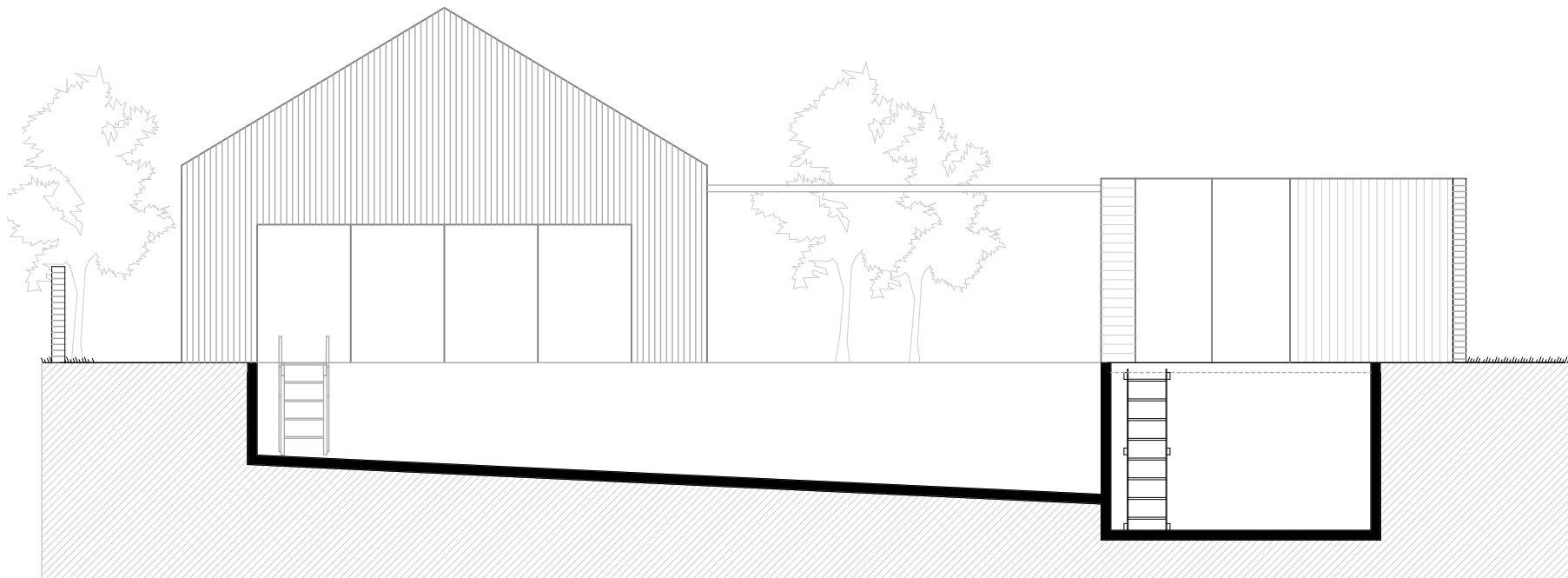
Corte Transversal B



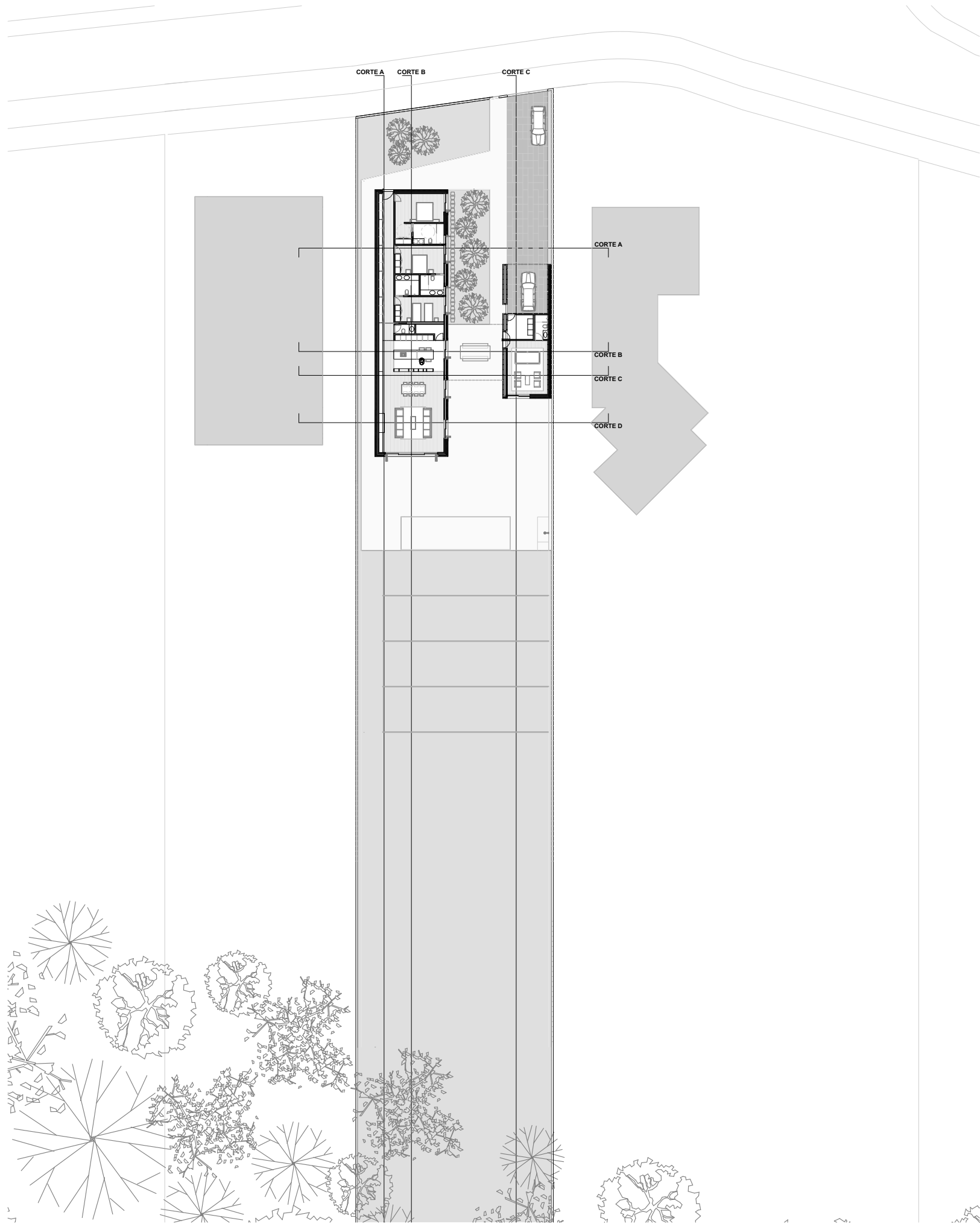
Corte Transversal C



Corte Transversal D

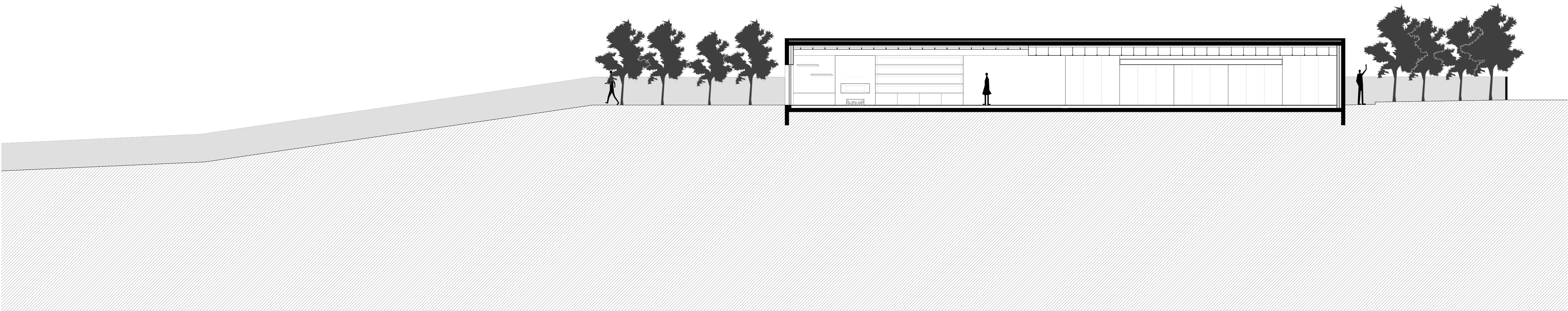


Corte Transversal E



Projeto de uma habitação unifamiliar	
CLIENTE:	
Alexandra Almeida	
João Ranito	
LOCALIZAÇÃO	
Vila Nova de Cerveira	
FASE DE ESTUDO:	
Estudo Prévio	
DESENHO	
Cortes Transversais	
ESCALA	FOLHA
1.100	C

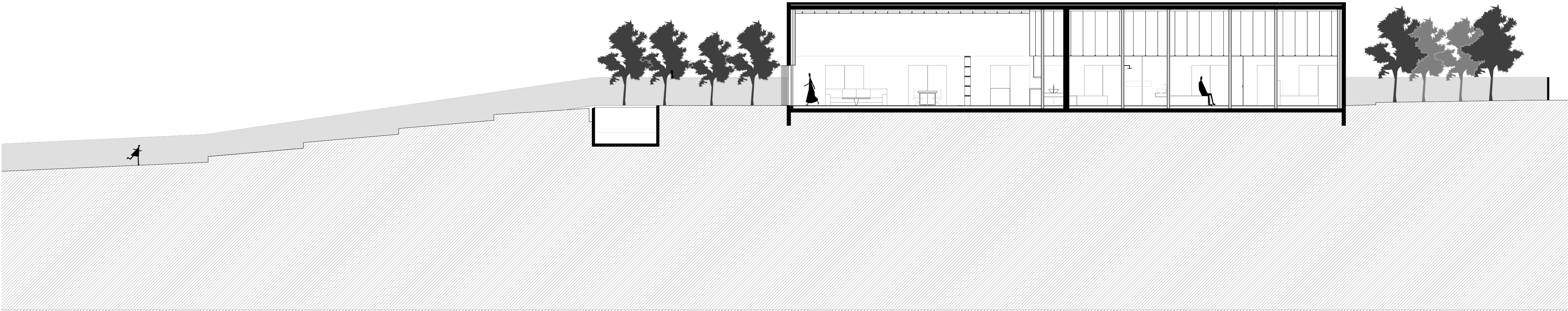




Projeto de uma habitação unifamiliar	
CLIENTE: Alexandra Almeida João Ranito	
LOCALIZAÇÃO Vila Nova de Cerveira	
FASE DE ESTUDO: Estudo Prévio	
DESENHO Cortes Longitudinal A	
ESCALA 1.100	FOLHA D

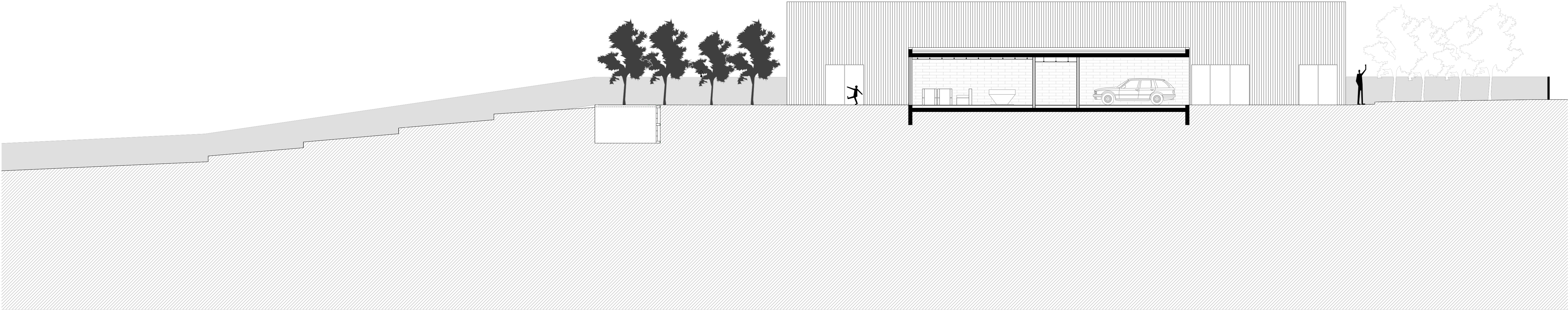






Projeto de uma habitação unifamiliar	
CLIENTE:	
Alexandra Almeida	
João Ranito	
LOCALIZAÇÃO	
Vila Nova de Cerveira	
FASE DE ESTUDO:	
Estudo Prévio	
DESENHO	
Cortes Longitudinal B	
ESCALA	FOLHA
1.100	E

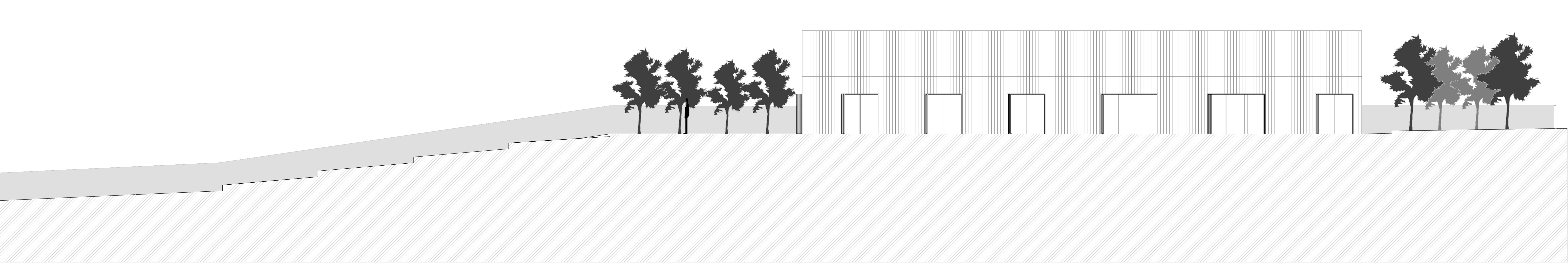




Projeto de uma habitação unifamiliar	
CLIENTE: Alexandra Almeida João Ranito	
LOCALIZAÇÃO  Vila Nova de Cerveira	
FASE DE ESTUDO:  Estudo Prévio	
DESENHO  Cortes Longitudinal C	
ESCALA  1.100	FOLHA  F







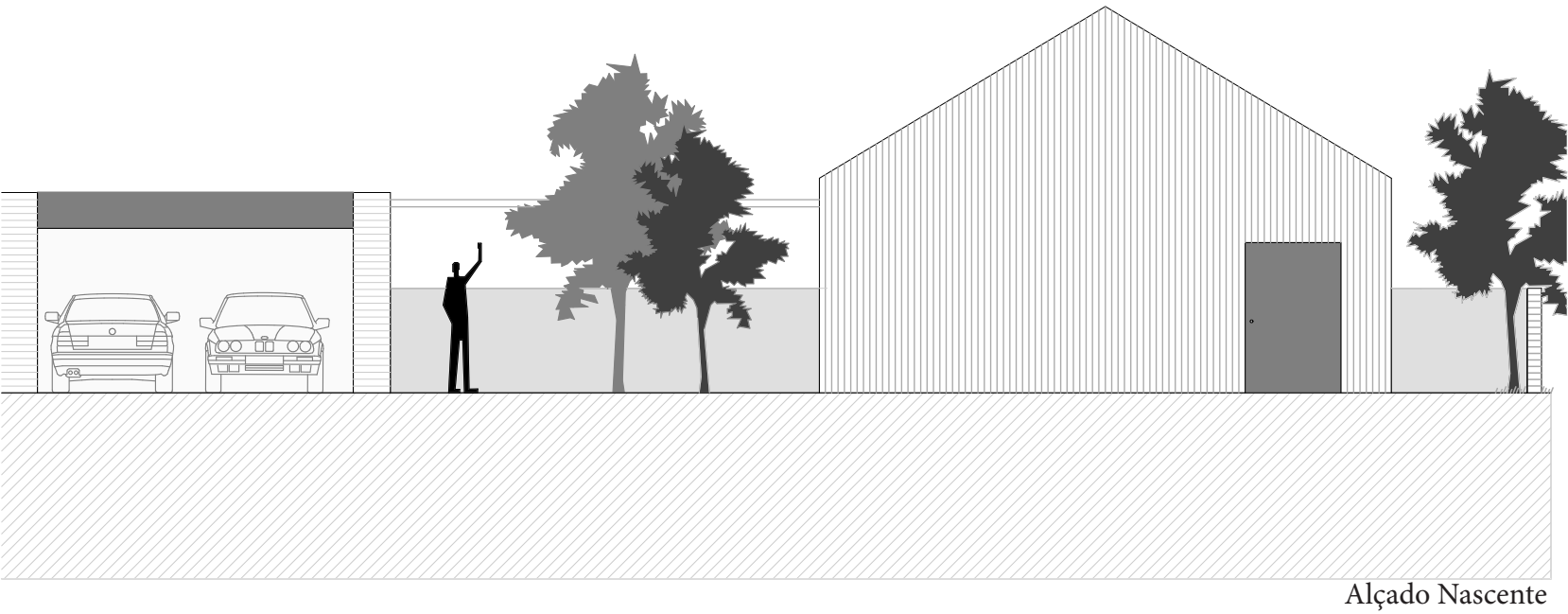
Projeto de uma habitação unifamiliar	
CLIENTE: Alexandra Almeida João Ranito	
LOCALIZAÇÃO Vila Nova de Cerveira	
FASE DE ESTUDO: Estudo Prévio	
DESENHO Alçado Sul	
ESCALA 1:100	FOLHA G



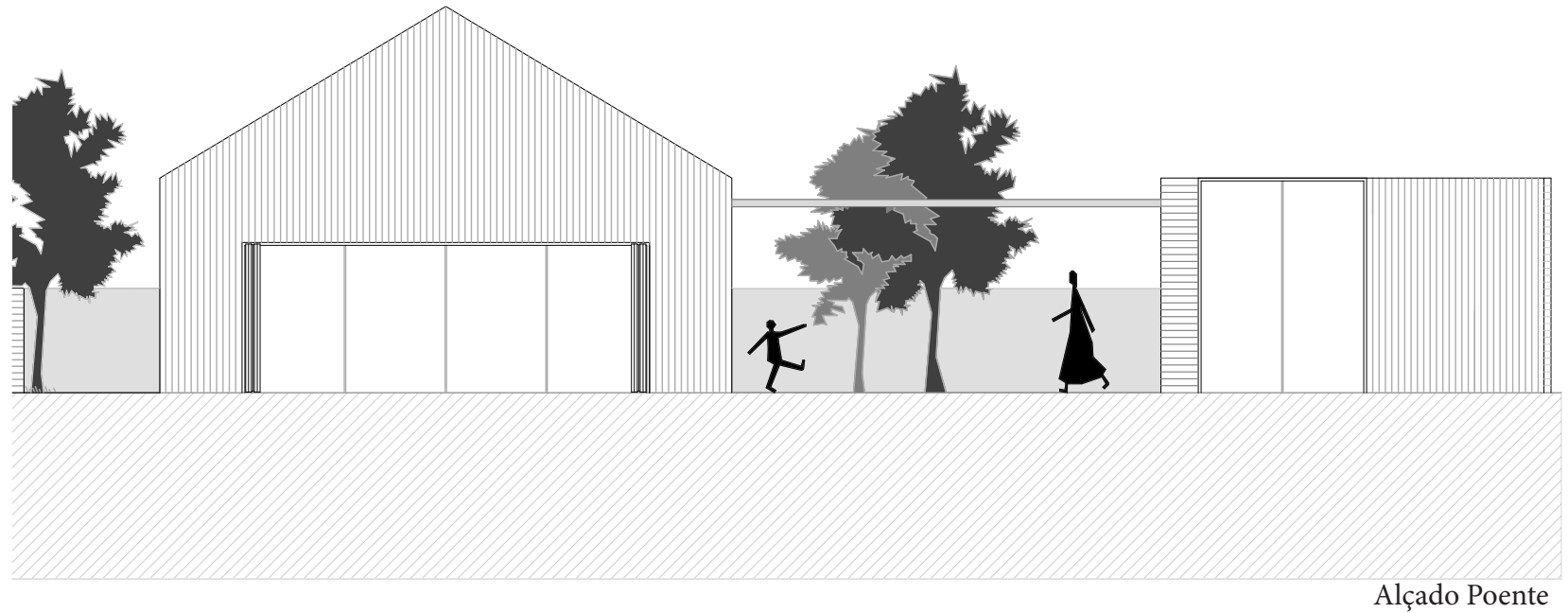


Projeto de uma habitação unifamiliar	
CLIENTE: Alexandra Almeida João Ranito	
LOCALIZAÇÃO Vila Nova de Cerveira	
FASE DE ESTUDO: Estudo Prévio	
DESENHO Alçado Norte	
ESCALA 1.100	FOLHA H





Alçado Nascente

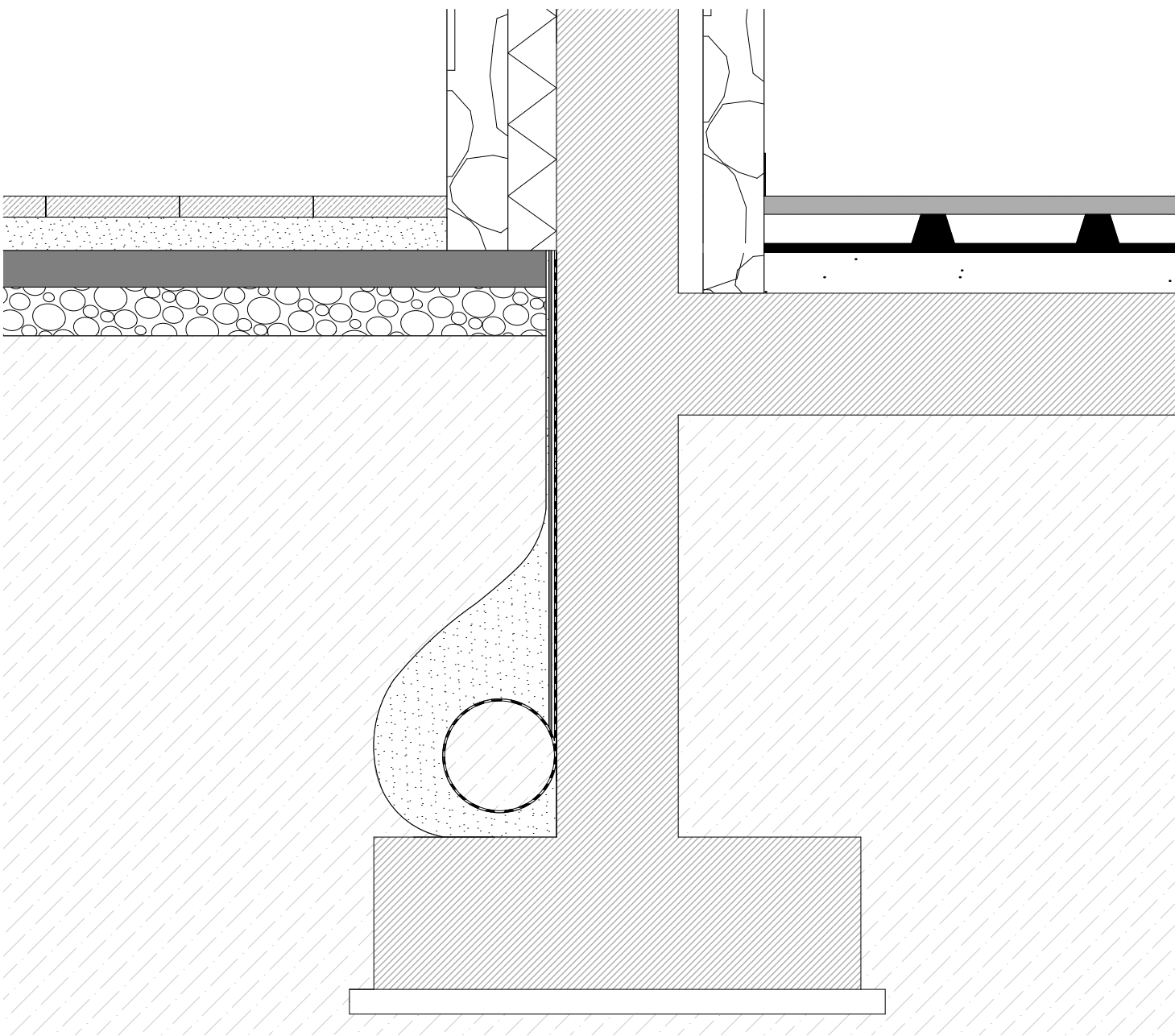
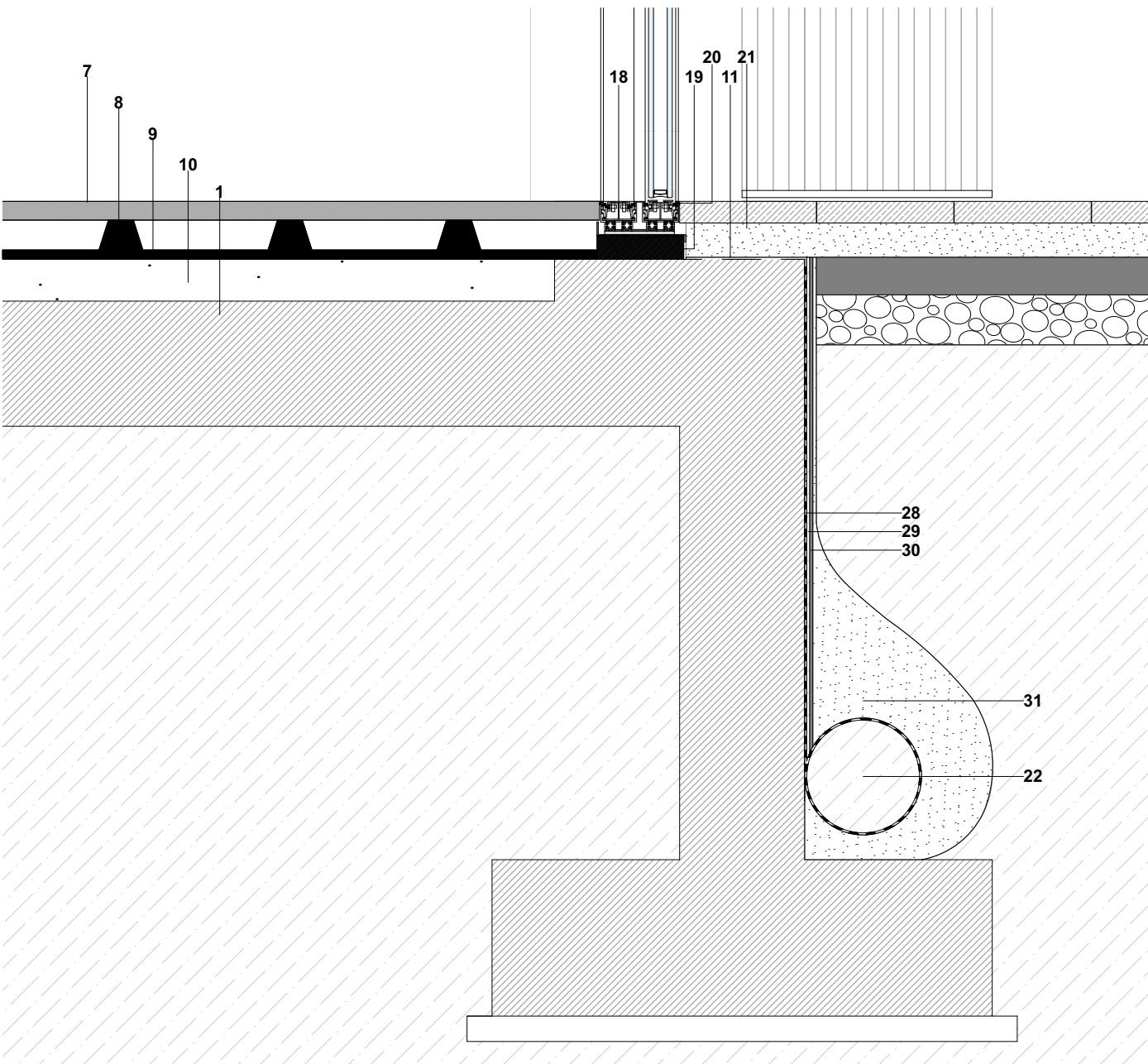
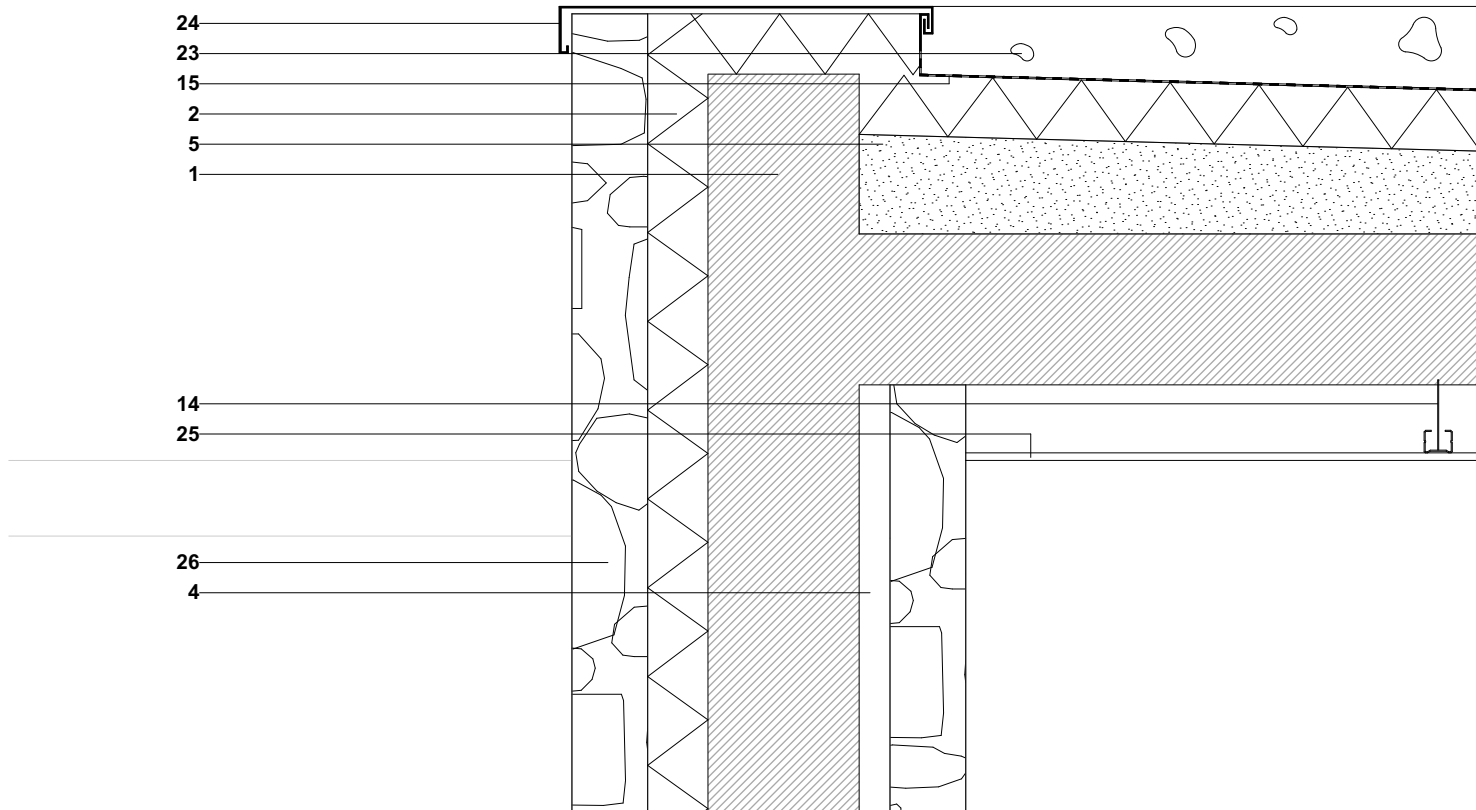
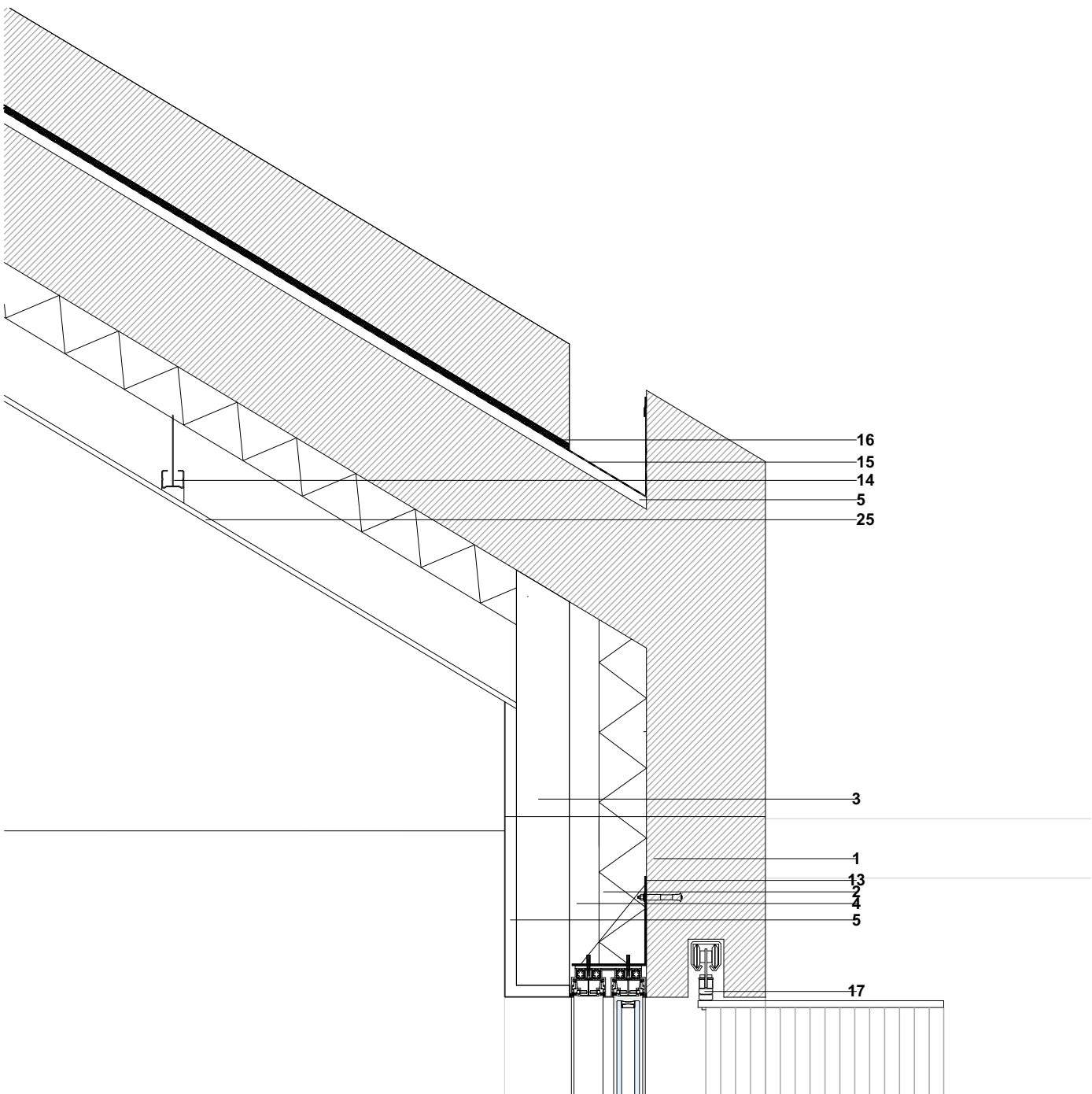
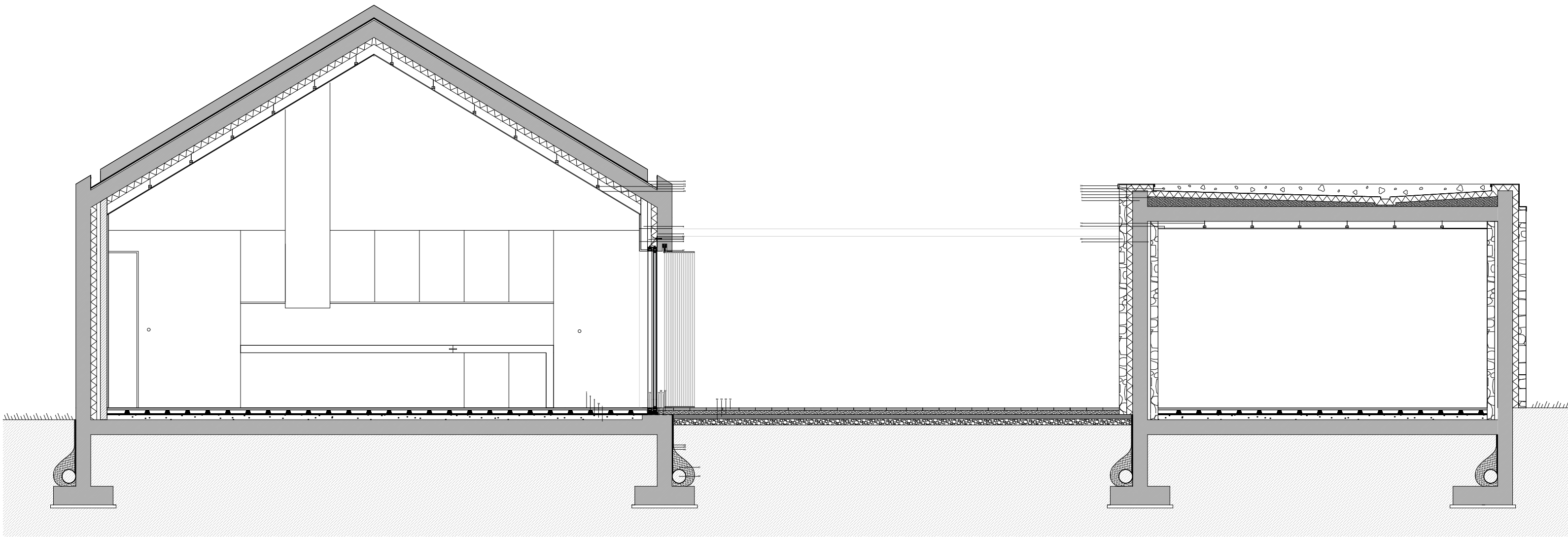


Alçado Poente

Projeto de uma habitação unifamiliar	
CLIENTE: Alexandra Almeida João Ranito	
LOCALIZAÇÃO Vila Nova de Cerveira	
FASE DE ESTUDO: Estudo Prévio	
DESENHO Alçado Nascente e Poente	
ESCALA 1.100	FOLHA I







- 1 - Laje em Betão armado ( cofragem de madeira )
- 2 - Isolamento
- 3 - Tijolo
- 4 - Caixa de ar
- 5 - Regularização
- 6 - Reboco
- 7 - Soalho
- 8 - Ripado
- 9 - Betonilha de Regularização
- 10 - Camada de enchimento
- 11 - Tela asfáltica
- 12 - Lajeta de Betão simples
- 13 - Perfil Ferro Galvanizado Quinado c/ reforço 150x125
- 14 - Estrutura de fixação do gesso cartonado
- 15 - Tela de impermeabilização
- 16 - Camada protetora
- 17 - Portada
- 18 - Caixilharia “Much More Than a Window”, tipologia correr-correr
- 19 - Calço de Betão
- 20 - Silicone
- 21 - Calço pavimento exterior
- 22 - Dreno
- 23 - Godo
- 24 - Chapa em Zinco
- 25 - Teto falso em gesso cartonado
- 26 - Pedra em Granito
- 27 - Portada de madeira
- 28 - Impermeabilização
- 29 - Tela drenante
- 30 - Geotextil
- 31 - Brita
- 32 - Formação da inclinação
- 33 - Concreto de massa
- 34 - Enchimento ( Tout-venant ) Cascalho

Projeto de uma habitação unifamiliar	
CLIENTE: Alexandra Almeida João Ranito	
LOCALIZAÇÃO  Vila Nova de Cerveira	
FASE DE ESTUDO:  Estudo Prévio	
DESENHO  Pormenor Construtivo	
ESCALA  1.50 e 1.10	FOLHA  J



## Considerações Finais

Este trabalho, realizado no âmbito de uma etapa final do curso, permitiu uma aproximação à realidade. A arquitetura deve ser vista como um todo. Mas, em projeto real, um arquiteto vai ter de gerir várias especialidades para que a sua ideia, no meio do todo, cumpra a sua função.

O papel do arquiteto é de gerir várias vertentes, para que no meio de todas as especialidades e de todos os problemas e eventualidades que possam aparecer, a sua ideia no final cumpra a sua função. A Arquitetura, como dito por alguns especialistas desta área, não pode ser vista como um luxo. A arquitetura deve servir os outros, melhorando as suas vidas. Posto isto, é de ressaltar que um projeto para uma habitação unifamiliar é um processo bastante mais complexo do que aparenta. Em norma, um projeto não evolui de forma contínua. É preciso estar consciente que, ao longo do trabalho, vão surgir dúvidas, dificuldades e imprevistos e, em paralelo, perceber que as referências e a teoria estão sempre presentes no desenrolar do processo do projeto mas, na maioria das vezes, inconscientemente.

Em conclusão, temos de entender que uma casa, apesar de comportar sempre diferença e inovação, e de variar também de cultura para cultura, não é possível perder de vista que há princípios que são base para todos, uma casa acima de tudo é um abrigo, um espaço íntimo de uma família, ou de um conjunto de pessoas que comungam de interesses ou ideais comuns.

*“SerTeórico*

*Se teoria, falando de Architectura, significa um conjunto de regras registáveis e reutilizáveis, então sinto-me bem ao não ter teoria (como por vezes é dito).*

*Não sei de nenhuma tranquilamente aplicável. O rolar do tempo, por acelerado, não o permite nem perdoa. Constantemente se reduz a ponto de partida. A própria pesquisa a vai abandonando ou ultrapassando e assim sucede a cada novo projecto, apesar de sucessivas experiências.*

*O exercício de projecto não aceita um momento de segurança, de saber estável, mesmo se conscientemente provisório.*

*Ausente a prática, a crítica não age directamente. Não pisa, a não ser em intervalos e à posteriori, o território deslizante da criação – dos acidentes que iluminam o devir.”*

Álvaro Siza - 01 Textos 145 p.383

# Bibliografia

## LIVROS:

VIEIRA, Álvaro Siza – 01 textos. Porto: Civilização ed. 2009. ISBN 978-972-26-2923-2

VIEIRA, Álvaro Siza – Imaginar a Evidência. Lisboa: Edições 70, LDA. 2013. ISBN 978-44-1033-1

TÁVORA, Fernando - Da organização do espaço. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1962. ISBN 978-972-9483-22-6

TRIGUEIROS, Luiz – Fernando Távora. Lisboa: Blau, 1993

SOUTO DE MOURA, Eduardo – Conversas com estudantes. Barcelona: Editorial Gustavo Gii, 2008. ISBN 978-84-252-2267-2

BANDEIRINHA, José António - Fernando Távora Modernidade Permanente: Associação Casa da Arquitectura. ISBN 978-989-20-3393-8

PALLASMAA, Juhani – Habitar. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2016. ISBN 978-84-252-2923-7. p.

TRIGUEIROS, Luiz – Eduardo Souto Moura. Lisboa: Blau, 1996. ISBN 972-8311-05-2. p.28

COELHO, Paulo - Fernando Távora: QN Edição e Conteúdos, S.A. 2011. ISBN 978-989-554-900-9



MONTEYS, Xavier, FUERTES, Pere - Casa Collage, un ensayo sobre la arquitectura de la casa. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA, 2015  
V.N. Cerveira 1994 – J. Marques Rocha

#### REVISTAS:

Souto de Moura, Eduardo – TC cuadernos serie dedalo, Arquitectura 2005-2016  
Habitar. Valencia: General de Ediciones de Arquitectura, 2016. ISBN 978-84-944646-7-6

Brandão Costa, Nuno – TC cuadernos serie dedalo, Arquitectura 1998-2009,  
Valencia: Ediciones Generales de de la Construcción, 2009

Vieira de Campos, Francisco - Guedes, Cristina – TC cuadernos Menos é mais,  
Arquitectura 2000-2013, Valencia: Ediciones Generales de de la Construcción, 2013

Souto de Moura, Eduardo - El Croquis 124, 1995-2005

Siza, Álvaro - El Croquis 140, 2001-2008

#### SITES:

<http://www.cm-vncerveira.pt/>

# Índice de Imagens

FIG.1 - Fotografia do autor “Vila Nova de Cerveira - Final de tarde junto do rio”

FIG.2 - Fotografia do autor “Vila Nova de Cerveira - Vista da Ponte do lado de Espanha”

FIG.1 - Fotografia do autor “Vila Nova de Cerveira - Final de tarde junto do rio”

FIG.3 - Fotografia do autor “Vista da ponte pela ecopista”

FIG.4 - Fotografia do autor “Capela da Nossa Senhora da Ajuda ( Instalação - Assalto ao Castelo / 40 anos da Bienal de Cerveira )”

FIG.5 - Fotografia do autor “Vista do Castelo para o campo da feira - realizada aos sábado”

FIG.6 - Fotografia do autor “Vista do interior do Castelo”

FIG.7 - Fotografia do autor “Igreja da Misericórdia”

FIG.8 - Fotografia do autor “Solar dos Castros”

FIG.9 - Fotografia do autor “Capela de S. Sebastião”

FIG.10 - Fotografia do autor “Fonte da Vila ( relação visual com a casa Verde )”

FIG.11 - Fotografia do autor “Igreja Matriz”

FIG.12 - Fotografia do autor “Edifício da Câmara”

FIG.13 - Fotografia do autor “Estação de Comboios”

FIG.14 - Fotografia do autor “Vista do terreno, do lado de Espanha”

FIG.15 - Print Screen do Google Maps “Ortofotomapa - Relação de Vila Nova de Cerveira com o rio e o mar”

FIG.16 - Print Screen do Google Maps “Ortofotomapa - Visão geral sobre Vila Nova de Cerveira ( Terreno assinalado a vermelho )” Print Screen do Google Maps

FIG.17 -Print Screen do Google Maps “Ortofotomapa - Vista aproximada do terreno”

FIG.18 -Fotografia do autor “Vista Sul do terreno”

FIG.19 - Fotografia do autor “Vista do terreno para a montanha ( relação visual com as casas vizinhas )”

FIG.20 - Fotografia do autor “Vista Norte do terreno”

FIG.21 - Fotografia do autor “Vista da confrontação do terreno com o Rio Minho”FIG.22 - Fotografia do autor “Vista para o Rio, do terreno Vizinho (lado sul da área de estudo)”

FIG.23 - Fotografia do autor “Vista da confrontação do terreno com o Rio Minho - Final da tarde de Outono”

FIG.24 - Fotografia do autor “Vista da Rua -Av. do Tomiño (terreno do lado esquerdo)”

FIG.25 - Fotografia do autor “Vista da Rua -Av. do Tomiño (terreno em frente)”

FIG.26 - Fotografia do autor “Vista da Rua -Av. do Tomiño (terreno à direita)”

FIG.27 - Fotografia do autor “Relação com o lote vizinho Norte (momento de ligação)”

FIG.28 - Fotografia do autor “Relação com o lote vizinho Sul (momento de ligação)”

FIG.29 - Vista do Miradiuro do Cervo

FIG.30 - Fotografia do autor “Casa a Norte do Terreno”

FIG.31 - Fotografia do autor “Casa a Sul do Terreno”

FIG.32 - Fotografia do autor “Casas/lotes vizinhas”

FIG.33 - Fotografia do autor “Casas/lotes vizinhas”

FIG.34 - Fotografia do autor “Casas/lotes vizinhas”

FIG.35 - Arquivo da Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira “Planta do loteamento”

FIG.36 - Planta Topográfica fornecida pelo cliente

FIG.37 - Fotografia do autor “Fotografia do Rio Minho, num final de tarde de Outono.”

FIG.38 - Organograma - Organização do espaço da Casa

FIG.39 - Fotografia do autor “O início do percurso, antes de chegar ao Terreno”

FIG.40 - Fotografia do autor “A chegada ao Terreno - contacto visual com a casa do lado Norte do terreno”

FIG.41 - Fotografia do autor “A entrada do Terreno”

FIG.42 - Fotografia do autor “O percurso”

FIG.57 - Fotografia do autor “O percurso - ao longo dele, notamos as alternancias dos muros limites dos diferentes lotes”

FIG.43 - Fotografia do autor “O percurso - A presença do Rio Minho”

FIG. 44 - Fotografia do autor “O percurso - A presença do Rio Minho e de Espanha”

FIG. 45 - Fotografia do autor “O percurso - O cais

FIG. 46 - Fotografia do autor. “O percurso - a presença do Rio Minho e de Espanha”

FIG. 47 - Fotografia do autor. “ O percurso - A ecopista ”

FIG. 48 - Fotografia do autor “O percurso”

FIG. 49 - Fotografia do autor “O percurso - O ponto de viragem para a Vila (passagem do comboio por cima)”

FIG.50 - Fotografia do autor “O percurso - A chegada ao centro da Vila”

FIG.51 - COELHO, Paulo - Fernando Távora: QN Edição e Conteúdos, S.A. 2011. ISBN 978-989-554-900-9 “Vista interior, Casa de Ofir - Fernando Távora”-

FIG.52 - COELHO, Paulo - Fernando Távora: QN Edição e Conteúdos, S.A. 2011. ISBN 978-989-554-900-9 “Vista exterior, Casa de Ofir - Fernando Távora”

FIG.53 -BANDEIRINHA, José António - Fernando Távora Modernidade Permanente: Associação Casa da Arquitectura. ISBN 978-989-20-3393-8 “Planta, Casa de Ofir - Fernando Távora”

FIG.54 - Fotografia do autot - “Vista poente do terreno ao final da tarde”

FIG.55 - Esquemas da evolução do Projeto

FIG.56 - Fotografia tirada do Google “Planta casa Eliot Noyes”

FIG.57 - Fotografia tirada do Google “Fotografia exterior da casa Eliot Noyes”

FIG.58 - Plantas da evolução do Projeto

FIG.59 - Souto de Moura, Eduardo - El Croquis 124, 1995-2005 “Planta casas de Moledo Souto Moura”

FIG.60 - Souto de Moura, Eduardo - El Croquis 124, 1995-2005 Fotografia exterior - “Casa de Moledo”

FIG.61 - Souto de Moura, Eduardo - El Croquis 124, 1995-2005 “Fotografia interior, relação com o exterior”

FIG. 62 - Fotografia do autor - maquete de estudo

FIG.63 - Fotografia do autor - maquete de estudo

FIG.64 - Fotografia do autor - maquete de estudo

FIG.65 - Fotografia do autor “Casas das Artes Souto Moura - Relação com a envolvent”e

FIG.66 - Fotografia do autor “Casas das Artes Souto Moura - Pormenor da transição do exterior para o interior”

FIG.67 -Fotografia do autor “Casas das Artes Souto Moura - O muro”

FIG.68 - Fotografia do autor “Casas das Artes Souto Moura - A entrada”

FIG.69 - Planta esquemática - solução final

FIG.70 - Esquema cheios e vazios - Relações com os lotes vizinhos

FIG.71 - Esquema de Cortes - Representação dos diferentes espaços

FIG.72 - Imagem 3D do exterior - A relação de igualdade entre a parede de pedra do anexo e o muro de divisão dos lotes

FIG.73 - Imagem 3D do interior

FIG.74 - Imagem 3D do exterior - A relação dos dois volumes. A entrada

FIG.75 - Imagem 3D do exterior - A relação da sala de jogos com o exterior e com a Casa

FIG.76 - Imagem 3D do exterior - Relação da piscina com a casa



